



centro
de
documentação

RE (ANQ)
48

Re(Arca.) - 48

O estágio do qual se apresenta aqui o relatório, desenvolve-se no âmbito do Desenho Urbano, sendo, mais precisamente, uma investigação dentro desta área.

Sendo o objecto de estudo uma antiga cidade colonial portuguesa, Lourenço Marques, visou-se reconstruir o processo de evolução da sua estrutura e morfologia urbanas dentro de um determinado espaço de tempo - como se opusesse o fenómeno da evolução urbana - tendo como base de trabalho uma metodologia específica e apropriada, quer para o levantamento, quer para o tratamento de dados, desta área de investigação.

O processo de investigação desenvolveu-se, essencialmente, em três fases: 1ª recolha, 2ª organização e 3ª levantamento de uma base de dados inédita e credível.

A metodologia da área de investigação - o Desenho Urbano - tem um relevo especial no relatório, dado a sua especificidade, e que levou a uma primeira parte do corpo principal do texto - a Introdução - a abordar esta questão, na procura dos fundamentos do corpo teórico e que assiste esse método. É também fornecido o conteúdo, determinando o carácter de algumas pesquisas realizadas, de urbanização das colónias portuguesas e do próprio urbanismo português, procurando caracterizar esses processos de uma maneira sucinta.

O relatório apresenta a descrição de forma como se desenvolveu o trabalho, e a organização dos dados, quer metodológica, quer para a análise e como tal deverão estar fundamentadas no conteúdo.

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05252
(Centro de Documentação)

Arquitectura - 6º Ano

Autor: Maria Sofia de A.M.C. Ribeiro

Agosto 1998



FACULDADE DE ARQUITECTURA

BIBLIOTECA



0990012017

INTRODUÇÃO - O CONTEXTO

1. O Desenho Urbano

O trabalho realizado no estágio insere-se num âmbito específico - o desenho urbano, área disciplinar com uma metodologia específica, sustentada pelo seu corpus teórico.

Essa metodologia é o ponto principal de todo o estágio, do processo de recolha ao levantamento final da base de dados sobre a cidade objecto de estudo - Lourenço Marques/Maputo.

Ao longo da história do urbanismo e da arquitectura, que nem sempre foram distintas, uma vez que o urbanismo só estabelece o seu estatuto de disciplina independente no século XIX, surgiram algumas teorias que influenciaram o desenho urbano na criação do espaço urbano, e consequentemente na análise deste, propondo modelos e pontos de vista possíveis para a abordagem do fenómeno urbano.

Até ao Renascimento consubstancia-se o estatuto do espaço urbano obedecendo-se a modelos culturais resultantes de realidades políticas, religiosas, económicas, etc.

Essencialmente, a cidade é um reflexo dos aspectos culturais de uma sociedade; é uma obra colectiva, anónima.

Esta (la ciudad) se remite al dato último y definitivo da vida de la colectividad, la creación del ambiente en cual ésta vive.¹

¹ Aldo Rossi, La arquitectura de la ciudad, p.60

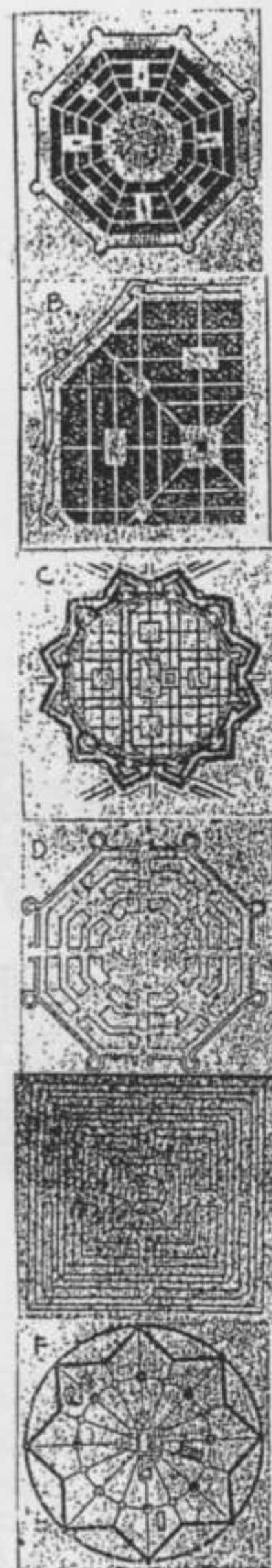


Fig. 1 Exemplos de plantas de cidades "ideais" no Renascimento

A) Segundo Vitrúvio ; B) Segundo Vasa;
C) Segundo Scamozzi; D) Segundo Gio:
Martini; E) Segundo V. Andrea; F) Segur
Filarete

É com a interpretação dos legados da Antiguidade Clássica, descobertos durante os séculos XV e XVI (descoberta do tratado de Vitruvius, *De Re Architectura*, em 1412 e publicação em 1521) que são estabelecidas algumas regras para a concepção do espaço, principalmente com a obra de Alberti, *De Re Aedificatoria*. No entanto ainda não é proposto nenhum modelo espacial. O facto é que, seguindo as regras enunciadas por Alberti, chegaram-se a diferentes soluções espaciais.²

No século XIX, fruto da Revolução Industrial, há um conjunto de alterações no desenvolvimento urbano. No entanto, a base dessas mudanças reside nas utopias sociais que surgem com os problemas das cidades industriais. Com base em preocupações de higiene, circulação, especulação do solo, etc., recorre-se frequentemente ao plano de quadrícula, sem ser proposta, verdadeiramente, uma nova concepção do espaço. Procura-se apenas adaptar a cidade aos novos tempos, às novas exigências.

É com Cerdá, na segunda metade do século XIX, com o plano de Barcelona, de 1864, que o urbanismo proclama o seu estatuto científico, de disciplina autónoma, com epistemologia e metodologias próprias. Pela primeira é elaborado um modelo formal, com uma morfologia, ainda que relacionada com a realizada até ao momento, que propõe novos conceitos, novas estruturas e

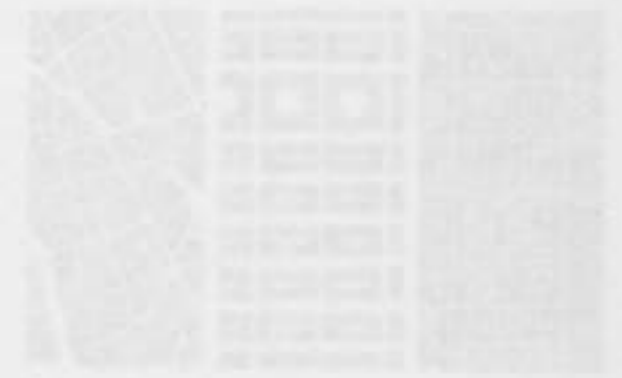
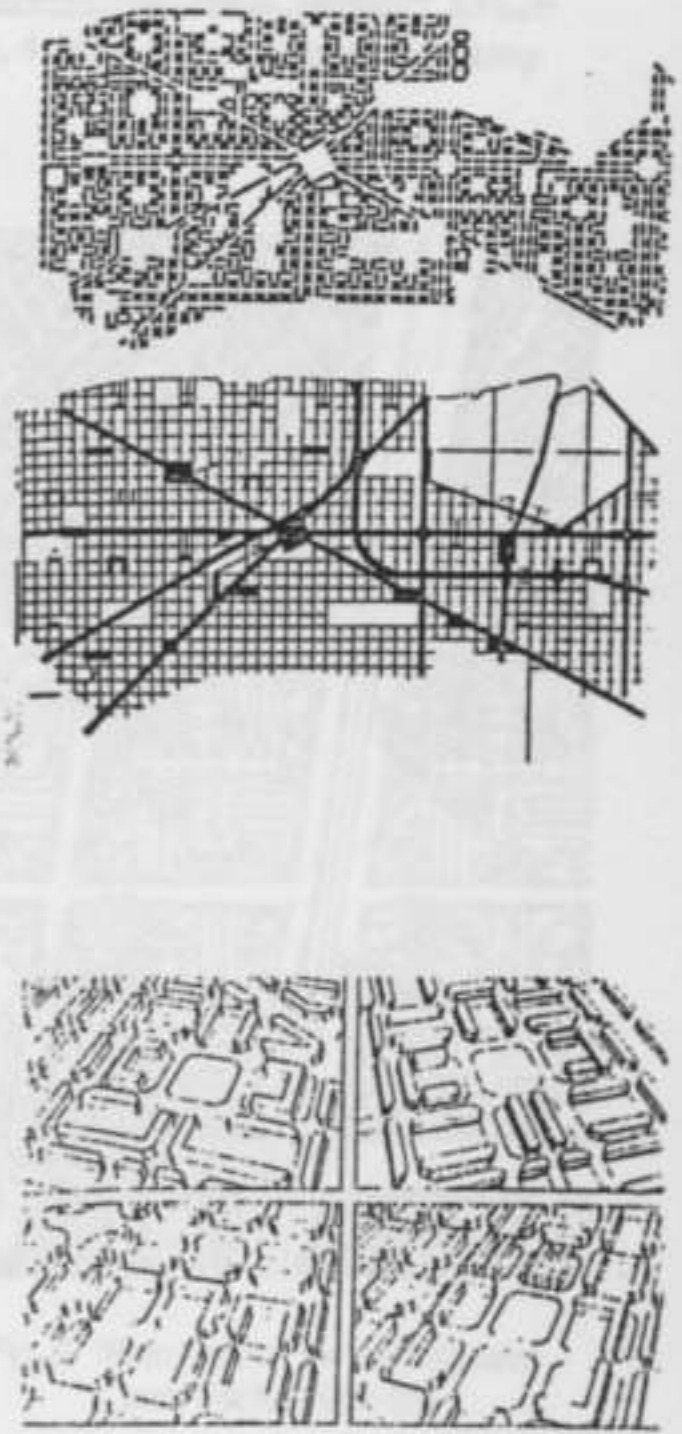


Fig. 1. Plano de Barcelona, 1864. (Fonte: Cerdá, 1864, p. 100.)

Fig. 2. Ildefonso Cerdá - Plano de Barcelona



² Robert C. Smith, na sua obra *Colonial Towns of Spanish and Portuguese America*, foca precisamente este aspecto dos diferentes modelos surgidos em Itália e na Espanha colonial, quando põe como hipótese explicativa para o surgimento do plano em quadrícula, utilizado na colonização espanhola, a influência dos legados de Vitruvius. Chama, também, a atenção para o facto de os planos concebidos por Alberti ou Filarete terem como base um sistema radial e não em quadrícula, e como tal, não poderia a observação destes planos estar na origem do processo colonizador espanhol.

elementos geradores do espaço, passíveis de serem reproduzidos até ao infinito, universais.

Mas só com as teorias da cidade moderna surgiram as novas formas urbanas que romperam com a tradicional morfologia urbana.

Foram sendo essas teorias, a partir dos anos 60, forte e crescentemente criticadas por terem como base pressupostos ideológicos que levaram a opções de valores, em detrimento de outros, negligenciando a natureza complexa do fenómeno urbano, chegando mesmo a por em causa o estatuto científico do urbanismo. Só na década de 70 surgiram então algumas teses na área da arquitectura e do urbanismo que, antes de mais, procuraram justificar o carácter científico do urbanismo apelando às metodologias específicas da área. Já não são propostos modelos universais para a concepção do espaço, propõem-se sim técnicas e métodos com bases científicas.

É na linha da teoria de Rossi que vêm sendo realizados alguns trabalhos de pesquisa teórica na área do urbanismo e da arquitectura. Rossi visava, como objectivo principal, estabelecer o estatuto científico da ciência urbana, atribuindo-lhe um corpo teórico e uma praxi específicas. Cada ciência tem o seu método de apropriação da realidade (urbana) e o urbanismo terá o seu, fundamentado na dimensão arquitectónica e na teoria dos factos urbanos.

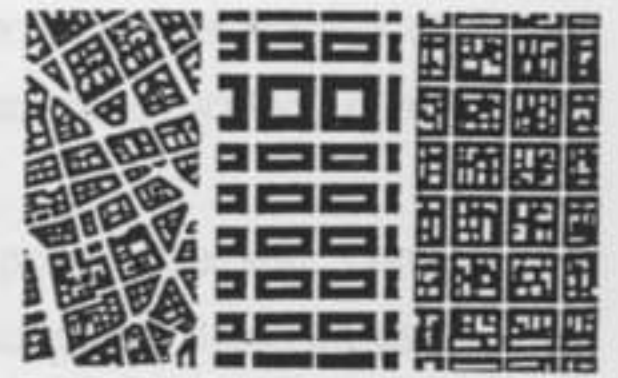


Fig. 3 Três exemplos de tecido urbano comandado pela "rua-corredor", Paris, Nova Iorque e Buenos Aires, duas delas com o traçado ortogonal regular.



Fig. 4 Nova Iorque, vista da Broadway

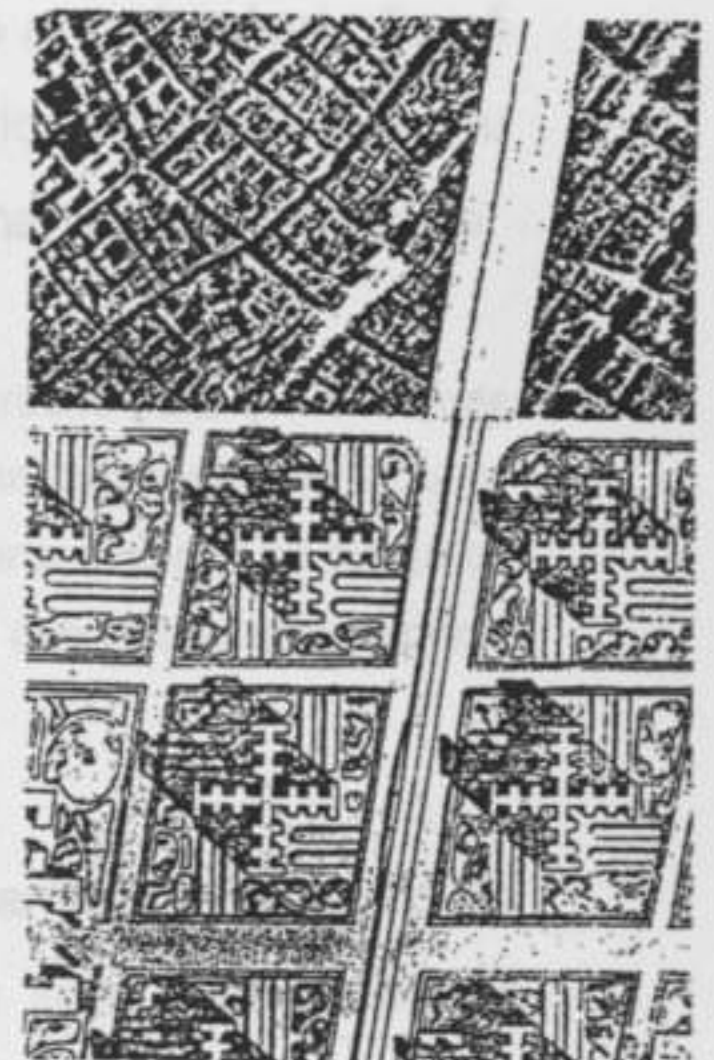


Fig. 5 "Plan Voisin" de Le Corbusier para Paris (1922-25)

¹ Aldo Rossi, op. cit., p. 67
² ibid., p. 72

[...] Podemos estudiar la ciudad desde muchos puntos de vista: pero ésta emerge de manera autónoma cuando la consideramos como dato último, como construcción, como arquitectura.

En otras palabras, cuando se analizan los hechos urbanos por lo que son, como construcción última de una elaboración compleja; teniendo en cuenta todos los datos de esta elaboración que no pueden ser comprendidos por la historia de la arquitectura, ni de la sociología, ni de otras ciencias. [...]³

Desse mesmo método, uma vez reconhecida as múltiplas dimensões da cidade, faz parte, também, o estabelecer de uma dialéctica entre as várias dimensões, histórica, política, sociológica, económica, etc., e aspectos da realidade urbana, e entre os factos e o todo. É essa característica, de metodologia comparativa, decorrente do próprio conceito de «feito urbano», que dá a este método uma abrangência e pluralidade que não fora ainda atingida por teorias que tendiam a ser reducionistas.

O facto urbano é compreendido como uma parte de um todo, sem dimensão específica, que apresenta uma individualidade reconhecível não só na sua imagem visível, pela sua forma, como também pelo papel que assumiu no conjunto, dado o seu passado histórico e seu posicionamento no território.

Ha sido suficiente detenernos a considerar un solo hecho urbano para que una serie de cuestiones haya surgido ante nosotros; se pueden relacionar principalmente con algunos grandes temas como la individualidad, el *locus*, el diseño, la memoria; y con él se dibuja un tipo de conciencia de los hechos urbanos más completo y diverso que el que normalmente consideramos; [...]⁴

A dimensão arquitectónica da cidade permitiu alcançar um conceito de forma urbana num sentido mais amplo, para além das suas características físicas cuja descrição nunca poderia ser o veículo para a compreensão da sua totalidade; esta perspectiva facultou a possibilidade de atingir os aspectos quantitativos, qualitativos e a dimensão temporal, inerentes a todas as formas urbanas.

³ Aldo Rossi, op. cit., p.63

⁴ Idem, p.72

Compreender os factos urbanos é compreender a estrutura urbana e a morfologia da cidade.

A morfologia urbana entende a descrição de uma forma com o recurso à observação, porém, é mais do que uma mera abordagem aos aspectos exteriores da forma; é também o estudo dos factores que contribuíram para a sua origem: topológicos, históricos, culturais, económicos e políticos. Mas a total compreensão da forma só pode ser alcançada com a análise complementar da estrutura urbana, que por sua vez só é possível quando são detectados os elementos primários, os elementos que estruturam a evolução da cidade e determinam o diálogo entre as suas diferentes partes.

A cidade é, então, analisada do ponto de vista dos seus elementos morfológicos, ou seja, do seu traçado e parcelamento, métricas, hierarquias, da sua edificação, tipologias de construção, de ocupação, modelos de referência, etc.; tudo isto possibilita a caracterização dos dois aspectos estruturantes da produção de espaço urbano, quando da dialéctica que se estabelece entre ambos: a esfera pública e a esfera privada, tão importantes.

Estudar a cidade é estudar um fenómeno com dimensão temporal; esta dimensão é fundamental para entender os mecanismos de produção do espaço.

[...] con el tiempo, la ciudad crece sobre sí misma; adquiere conciencia y memoria de sí misma. En su construcción permanecen sus motivos originales, pero con el tiempo concreta y modifica los motivos de su mismo desarrollo.⁵

Essa memória, essa consciência de si mesma, reside nas «permanências», os factos urbanos, «passado/presente», porque ainda estruturam o presente.

É a análise de uma documentação histórica que permite detectar os elementos dinâmicos que estruturam a evolução da cidade.

A cartografia é a base desta análise pois é através dela que se vai poder "ler" o processo de evolução da cidade. Fazendo o cruzamento com outras fontes, históricas, económicas, geográficas, sociológicas, etc.,

⁵ Idem, p. 61

verificar-se-á a autenticidade das informações obtidas na observação das fontes cartográficas. É dada uma ênfase especial ao plano de urbanização da cidade como instrumento primordial para a reconstituição do processo evolutivo. O plano, quer concretizado ou não, é um momento localizável no percurso temporal da cidade, onde é possível ler as necessidades e problemas sentidos na cidade, num dado contexto, ao quais procurou-se dar resposta nesse plano, com certas formas, modelos, característicos da época da sua elaboração; além disso, é também uma interpretação da cidade existente, dos valores das suas diversas formas, um dado para o estudo das suas permanências, elementos estruturantes do presente. Os planos correspondem a momentos em que foi sentida a necessidade de um impulso no seu processo evolutivo, o que poderá ter sido alcançado através da concretização do plano ou não.

Para além dos momentos dos planos, ter-se-á de destacar outros momentos em que se observe ter havido uma expansão da cidade no território e/ou uma alteração dos elementos existentes. No confronto de todos os momentos detectados, será então possível compreender o processo de evolução da cidade, analisar os elementos permanentes, ainda, ou não, em transformação, mas que condicionam a dinâmica da cidade.

2. As cidades coloniais e o urbanismo português

Para analisar esta cartografia é preciso estar na posse dos conhecimentos que permitem "descodificar" as informações que as fontes contêm, ou seja, é preciso efectuar um estudo paralelo sobre o contexto da evolução urbana da cidade em estudo: as cidades coloniais portuguesas. Com base numa pesquisa das obras já realizadas sobre o este assunto, das de âmbito mais geral às de carácter monográfico, é possível inteirarmo-nos do processo de urbanização portuguesa nas suas colónias e dos sistemas políticos, económicos, sociais, culturais e religiosos que estruturam esse processo. É também, efectivamente, conhecer a história do urbanismo português e dos modelos referênciais.

Existiu de facto um processo colonizador português que foi distinto do das outras potências colonizadoras. Os sistemas políticos, económicos e sociais, bases da organização colonial, teriam as suas diferenças que reflectiram-se obviamente na concepção das cidades, os reflexos das iniciativas colectivas de uma sociedade.

No urbanismo colonial português é facilmente verificável que a maior parte das cidades coloniais eram feitas à imagem da metrópole.

[...] At no time did the Portuguese [...] provide a code of rules for urban development. Their cities grew without being planned in a kind of picturesque confusion [...] Lisbon itself served as a model which was followed in different sites all over the Portuguese empire.⁶

⁶ Robert C. Smith, *op. cit.*, p. 7

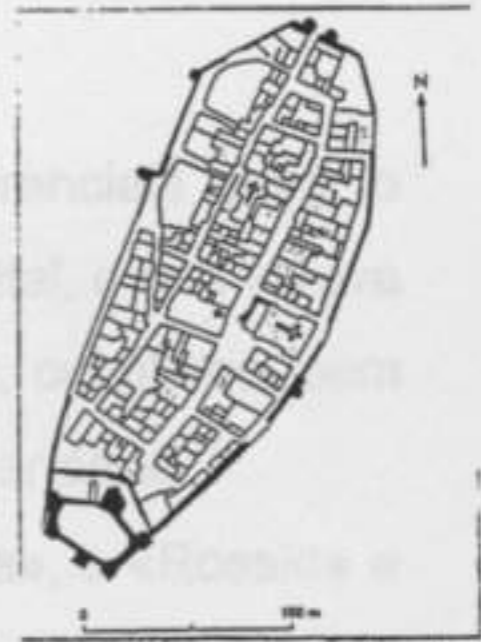


Fig. 6 Monsaraz, Portugal



Fig. 7 Recife, Brasil - 1740



Fig. 8 Damão, Índia - 1674



Fig. 9 São Luís do Maranhão, Brasil, 1838 (possível plano de 1616)

Os pontos elevados eram sempre os locais preferenciais para o assentamento das novas cidades, tal como acontecera na capital, o que levava à adopção de um traçado em conformidade com a topografia, curvilíneo, sem que isso implicasse de facto uma ausência de padrão ou regularidade.⁷

Elementos ordenadores do espaço como a «Rua Direita», o «Rossio» e o «Terreiro do Paço», e mais tarde o «Passeio público», encontram-se em cidades como o Rio de Janeiro e Luanda. As tipologias construtivas foram também comuns.

No entanto, não se pode afirmar que o plano regular ortogonal estivesse ausente da acção urbanizadora dos portugueses, como pode verificar-se em algumas cidades da Índia, Brasil e Angola.⁸

O urbanismo português foi, depois, acompanhando o evoluir da prática e das concepções urbanísticas do resto da Europa, se bem que pudesse haver um desfasamento temporal em relação ao que era praticado, e houvesse uma adaptação dos modelos importados que por vezes os afastava da concepção teórica original.

O estudo do enquadramento histórico de cada plano da cidade de Lourenço Marques/Maputo facultou a percepção do evoluir da prática urbanística portuguesa e dos modelos referênciais dessa prática.

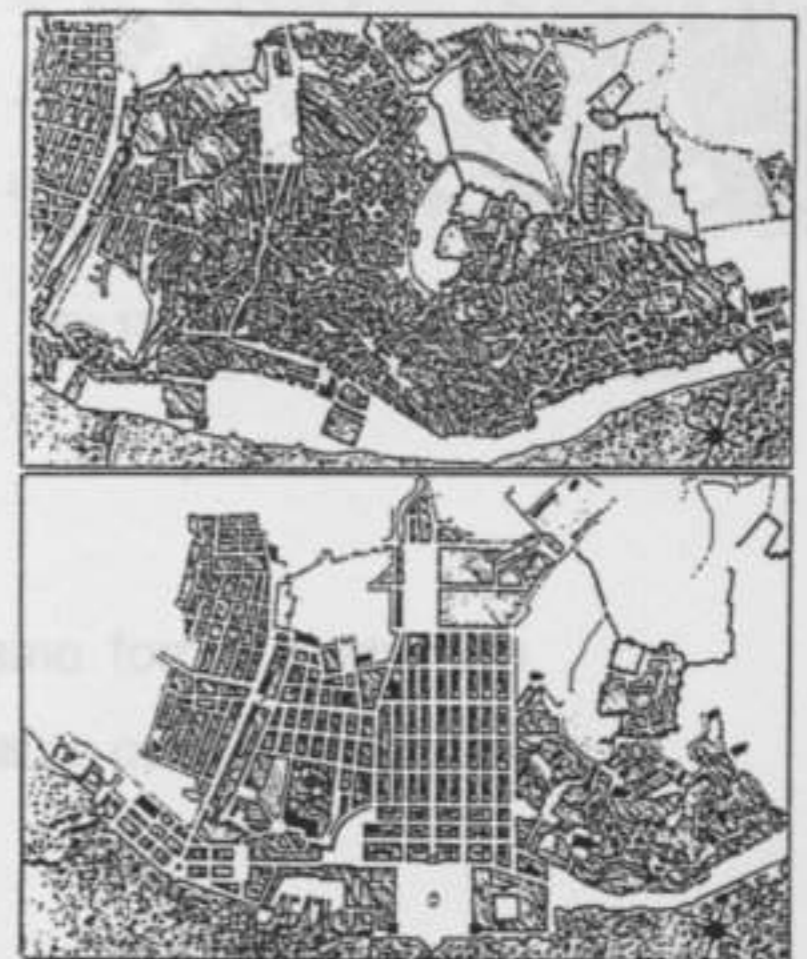


Fig. 10 Lisboa antes do terramoto - 1650
Baixa Pombalina - 1755



Fig. 12 Rio de Janeiro, Largo do Carmo, princípio do séc. XIX

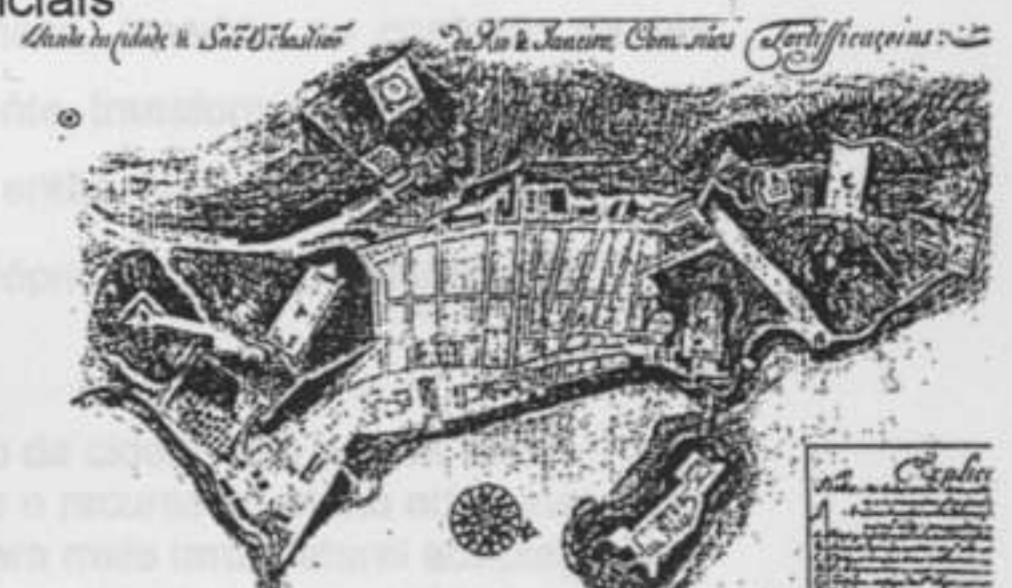


Fig. 11 Rio de Janeiro, Brasil - 1713

⁷ Sobre esta questão Jorge Gaspar na obra *A Morfologia Urbana de Padrão Geométrico na Idade Média* faz uma análise de algumas vilas portuguesas que torna incontestável a existência de uma estrutura reguladora no traçado português medieval, com princípios geométricos ordenadores, de acordo com as realidades militares, civis e religiosas da época.

⁸ Várias cidades com planos ortogonais são analisadas nas obras de Mário T. Chicó, *A «cidade ideal» do Renascimento e as cidades portuguesas da Índia*, Robert C. Smith, op. cit. e Fernando Batalha, *A urbanização de Angola*.

3. Os Planos de urbanização

Os planos da cidade de Lourenço Marques estão situados em contextos históricos precisos: o primeiro é de 1887, o segundo de 1952 - 55 e o terceiro de 1969.

O primeiro plano está situado numa época de um certo pragmatismo, quando o traçado reticulado foi frequentemente utilizado sempre que a topografia do território, ainda que muitas vezes sem uma perfeita regularidade métrica, ou a concepção formalista da Barcelona de Cerdá.⁹ É também a época das grandes obras de engenharia nas colónias, como os caminhos de ferro, levadas a cabo pelos engenheiros militares que, quer pela sua formação, quer pela ainda insipiente engenharia civil, ocupavam a grande maioria dos cargos nas obras públicas e na administração das colónias.

O segundo plano surgiu na época do urbanismo formal português, caracterizado por um contexto político que foi determinante para a evolução e expressão desse mesmo urbanismo.

A afirmação do urbanismo como prática social generalizada surge na década de 30 como resultado da acção voluntariosa de Duarte Pacheco, inserida no contexto de um movimento de consolidação do regime político então vigente, transformando os aglomerados e criando uma imagem urbana do regime político então vigente, transformando os aglomerados e criando uma imagem urbana com que o próprio regime se identifica.¹⁰

⁹ Uma vez abandonada a necessidade de estabelecimento da cidade nos pontos mais elevados, sempre que o território o permitia, era frequente o recurso ao plano ortogonal mas sem ter como base uma verdadeira concepção espacial; era mais uma natural adaptação ao relevo. Foi o caso da cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, de algumas cidades em Angola. É um caso bem patente nas cidades de Luanda, Novo Redondo e Benguela, como o explica Fernando Batalha, op. cit.

¹⁰ Margarida de Sousa Lobo, *Planos de urbanização, A Época de Duarte Pacheco*, p.13. Para este plano foi fundamental a consulta desta obra. Para além de uma recolha dos planos desta época e consequente descrição analítica desses planos, a autora faz uma análise das personagens e influências, esclarecendo plenamente como foi a adaptação formal das muitas teorias - a "cidade pragmática", a "cidade jardim" e a "cidade radiosa" - que chegaram até nós por personagens como Agache e de Groer. Além disso, foi a melhor



Fig. 13 Benguela, Moçambique - vista aérea onde pode ver-se o traçado regular

O terceiro plano, sem a característica formal dos anteriores, situa-se num ponto de viragem da forma como é encarada a figura do plano e no modo como é entendido o posicionamento da cidade; esta passa a ser parte integrante de um todo muito mais vasto, a rede urbana a nível nacional.

Não é denominado já *Plano Geral de Urbanização*, mas sim *Plano Director de Urbanização*.

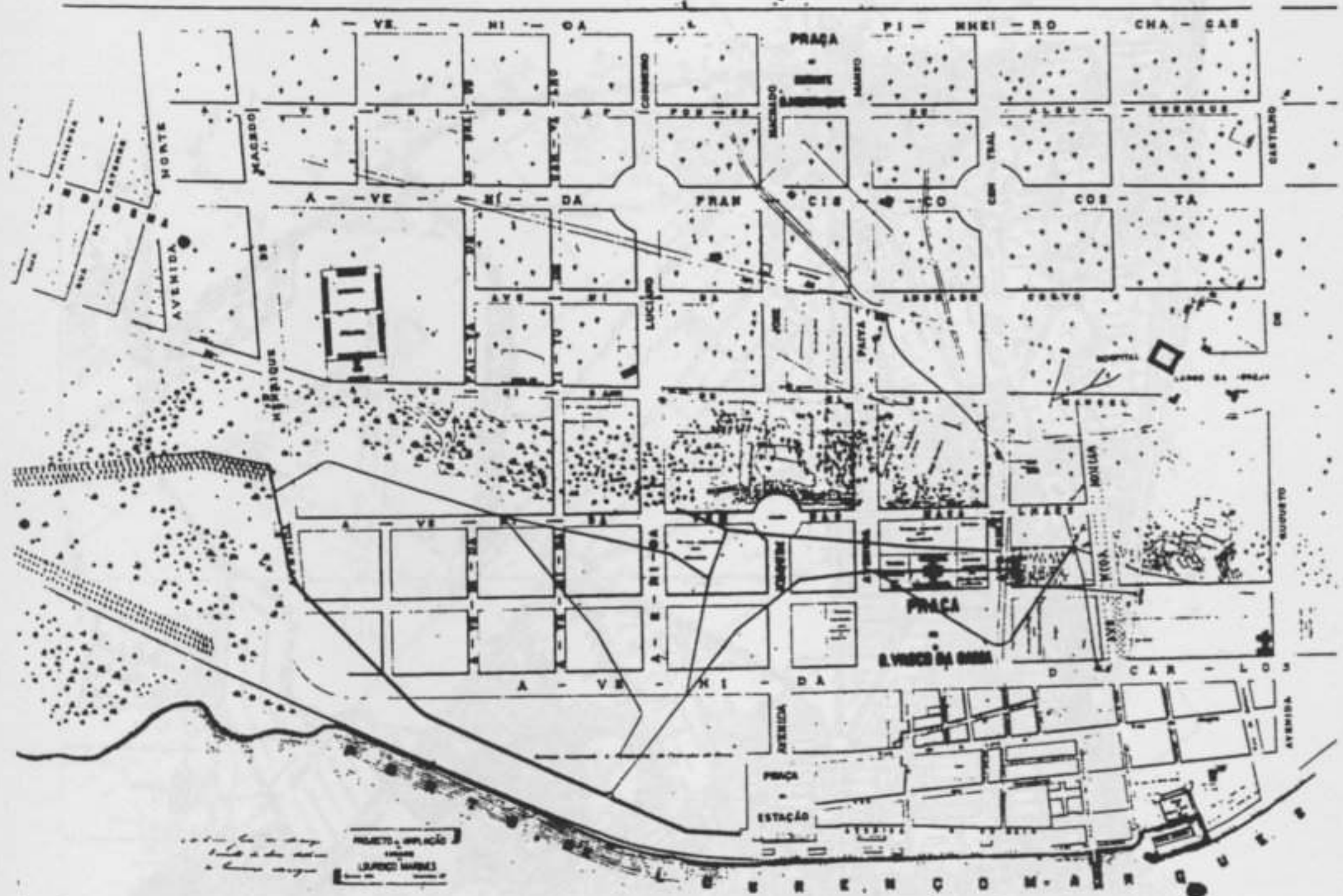
A intenção era produzir uma estrutura dinâmica que pudesse conduzir o desenvolvimento da cidade, em vez de propor soluções formais baseadas em modelos pré-concebidos, tentando salvaguardar os valores naturais e permanentes do território e estudar a vocação do solo. O contexto social e político era muito específico; era necessário não travar qualquer iniciativa privada, pois era aí que residia o capital. Por outro lado, os organismos públicos, imersos numa certa inércia, consequência da burocracia, e situação financeira de carência, face às reais necessidades da cidade, precisavam de uma orientação para a sua conduta.



PLANO DE URBANIZAÇÃO DE LOURENÇO MARQUES - 1887

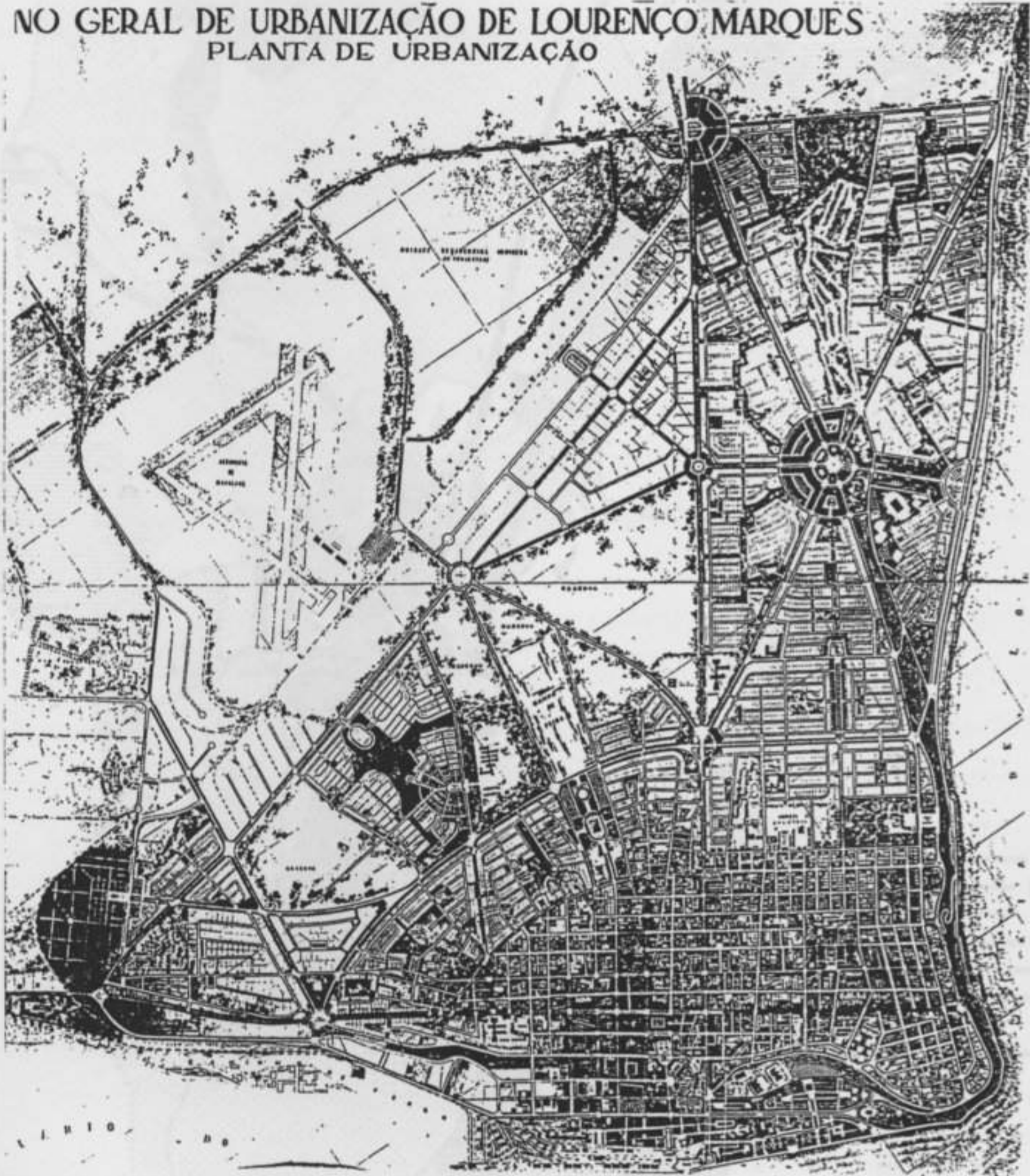
DE LOURENÇO MARQUES - 1952 - 55

PLANO GERAL DE URBANIZAÇÃO DE LOURENÇO MARQUES

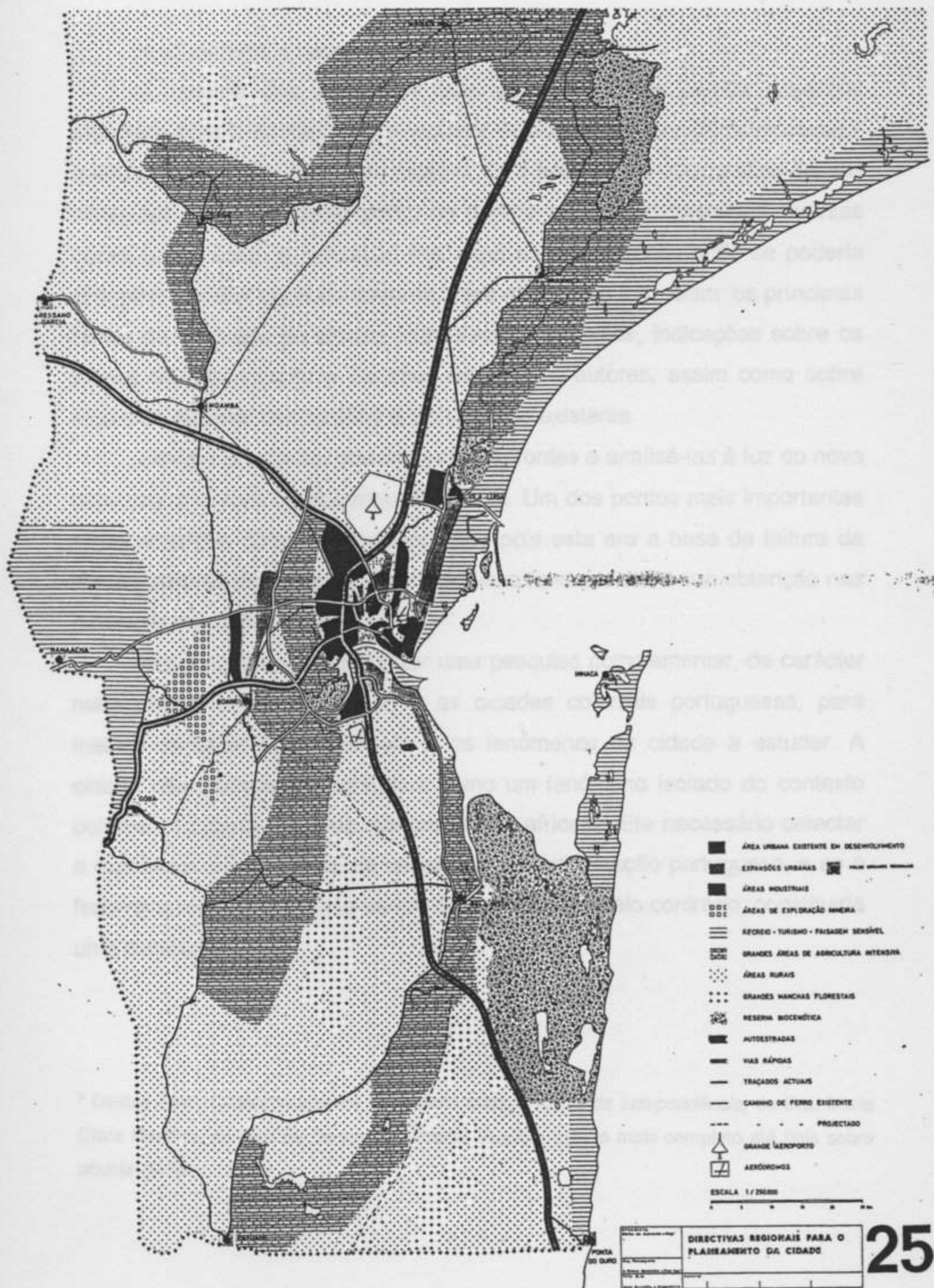


PLANO GERAL DE URBANIZAÇÃO
DE LOURENÇO MARQUES - 1952 - 55

NO GERAL DE URBANIZAÇÃO DE LOURENÇO MARQUES
PLANTA DE URBANIZAÇÃO



PLANO DIRECTOR DE URBANIZAÇÃO DE LOURENÇO MARQUES



PARTE I - A Recolha dos Elementos

1. O material a recolher

A recolha dos elementos teve como ponto de partida essencial algumas obras indicadas* pelo orientador de estágio logo na primeira sessão, quando foi discutido o tema do estágio. Só a análise das bibliografias dessas obras era já um excelente ponto de partida para a pesquisa das diversas obras, assim como a indicação dos arquivos e bibliotecas onde se poderia encontrar a maior parte do material. Para além disso forneciam os principais factos da evolução da cidade, sob diversos aspectos, indicações sobre os planos de urbanização e os seus respectivos autores, assim como sobre algum do material cartográfico e iconográfico existente.

Havia, no entanto, que regressar às fontes e analisá-las à luz do novo objectivo: o estudo do desenho da cidade. Um dos pontos mais importantes era a obtenção do material cartográfico pois esta era a base da leitura da cidade, através dos tempos, sendo por isso fundamental a sua obtenção nas melhores condições possíveis.

Era também essencial fazer uma pesquisa complementar, de carácter mais amplo, sobre urbanismo e as cidades coloniais portuguesas, para melhor compreender o contexto e os fenómenos da cidade a estudar. A cidade não poderia ser considerada como um fenómeno isolado do contexto colonial português, mais especificamente o africano. Era necessário detectar a existência, ou ausência, de um padrão na colonização portuguesa, e se o fenómeno estudado estaria dentro da regra ou se, pelo contrário, constituiria uma excepção.

* Destas obras foi extremamente importante *Maputo Antes da Independência*, da Dra. Maria Clara Mendes, na área da Geografia Urbana, sendo o estudo mais completo até hoje sobre aquela cidade

2. Os passos da pesquisa bibliográfica

Em primeiro lugar era necessário definir com precisão o objecto da pesquisa: Lourenço Marques, na perspectiva da sua evolução urbana. Obviamente convinha saber se já existiria algum trabalho deste género publicado, dentro da área do Urbanismo ou da Geografia Urbana, para além daqueles que já se tinha conhecimento, os quais foram publicados há alguns anos e portanto também não teriam informação sobre possíveis obras mais recentes.

As primeiras sessões em cada arquivo serviram fundamentalmente para a investigação dos ficheiros e a criação de um esboço das fichas, ou listagens, organizadas por ordem alfabética, bibliográficas de cada arquivo,. Ainda de um modo ainda sem o rigor necessário para a elaboração de uma bibliografia, apontaram-se todos os dados - autor, título, data, editora e cota da biblioteca, e por vezes também a dimensão, número de páginas - de cada obra que por este ou aquele motivo parecessem interessantes. Pretendia-se elaborar uma listagem que rapidamente informasse sobre a localização de uma obra. Mais tarde, ao efectuar a bibliografia final do trabalho, preencher-se-iam as lacunas desta listagem, ainda apenas um guia para as leituras a realizar.

Mesmo tendo já alguns dados na mão, quer autores, quer títulos, era ainda necessário procurá-los por não haver indicações sobre a sua localização. Para além disso havia todo um universo de obras com possível interesse mesmo que não surgissem em nenhuma bibliografia consultada. Nenhuma hipótese deveria ser descurada, pelo menos nesta primeira recolha bibliográfica.

No decorrer da pesquisa surgem algumas dificuldades com a cartografia por esta não estar a consulta ao público, como foi o caso do Arquivo Histórico Ultramarino. Era no entanto possível consultar os seus ficheiros e tomar conhecimento do existente. Com o auxílio de alguns funcionários foi possível ainda consultar uma ou outra carta, porém, para aquilo que se pretendia faltava ainda dispor de muito do material. Parte da cartografia foi possível encontrar noutro arquivo, mas como algum dele era

único, sem cópias, foi preciso pesquisar também na obras escritas e impressas todo e qualquer material que pudesse colmatar, ou mesmo eliminar, as lacunas existentes. De qualquer maneira, será sempre possível retomar a pesquisa na secção de Cartografia do Arquivo quando esta estiver disponível ao público, levando já de antemão a listagem organizada do existente, poupando algum tempo.

Todas as abordagens aos ficheiros foram consideradas. Efectuaram-se pesquisas por autor, por título e por assunto e, sempre que existentes, os ficheiros da Cartografia e da Iconografia. Foi assim necessário elaborar uma lista de termos possíveis para as pesquisas de carácter mais geral, as ideográficas: Lourenço Marques, Maputo, Moçambique, Colónias, Cidades, Cidades Coloniais Portuguesas, Urbanização, Urbanismo, Planos, Projectos de Urbanização, Obras Públicas - Moçambique, Geografia Urbana - Moçambique, etc. Principalmente nos casos em que a pesquisa era efectuada por computador, aconselhava-se o uso do maior leque possível de termos de pesquisa, pois é um meio que exige maior precisão, muito embora facilite pela rapidez da consulta.

Nenhum tipo de ficheiro poderia ser ignorado e por isso teve-se sempre o cuidado de pedir informações sobre o existente. Cada biblioteca tem a sua organização e assim nem todas têm um único ficheiro geral, dispondo, por exemplo, de um ficheiro para publicações até à data x, e outro para as publicações a partir dessa data até à actualidade e ainda de um ficheiro específico para publicações periódicas.

Na cartografia, quase sempre com ficheiro próprio, deu-se prioridade à pesquisa dos planos de urbanização da cidade, sobre os quais já se possuíam alguns dados. A localização de outras plantas, imprescindíveis para a análise dos planos e da evolução da cidade, obteve-se através da pesquisa dos ficheiros nas suas várias vertentes: por datas, por escalas e tendo em atenção o tipo de cartas - militares, hidrográficas, geográficas e cadastrais. Neste ponto será importante ter já havido uma pesquisa, pois assim saber-se-á quais as épocas em que se deve insistir na pesquisa e o

material existente já encontrado por outros autores, quer venham reproduzidos nas obras, quer venham apenas mencionados.

A leitura e análise dos documentos iniciou-se assim que foi possível estabelecer uma ordem, isto é, principiando pelas obras que parecessem ser as mais importantes, uma vez que o tempo para a leitura e recolha estava limitado à partida, de modo a não comprometer o resto do trabalho. Haveria, portanto, obras não seria possível ler. Através do confronto de algumas bibliografias das obras que já se sabia serem imprescindíveis, ficou-se com uma razoável ideia de como estabelecer essa hierarquia. Como não havia um conhecimento a priori dos autores e obras encontrados, também não houve juízos de valor que fizessem optar por esta e não aquela obra; à partida todos poderiam ter interesse, mesmo que o título não fosse sugestivo ou soasse demasiado vago. Há medida que as leituras avançavam iam surgindo novos dados para a bibliografia de base e alterações nessa hierarquia.

Quanto às formas de registo de leituras e análises recorreu-se a vários métodos. Para a cartografia utilizou-se a fotografia e/ou a fotocópia, pois o objectivo era obter a reprodução mais fiel possível, uma vez que as cartas seriam a principal base do trabalho; para as obras impressas e manuscritas utilizou-se apontamentos e transcrição, criando fichas de leitura que incluíam, regra geral, um resumo breve (por vezes longo) das partes mais importantes da obra. A fotocópia, posteriormente sublinhada, foi utilizada sempre que possível, pois permite uma reavaliação da obra, uma segunda leitura, desta vez mais rápida.

¹⁴ Umberto Eco, *A Aberto*, p. 22
¹⁵ *Ibidem*, p. 25

3. As instituições contactadas e visitadas com uma panorâmica do

[...] a função ideal de uma biblioteca é de ser um pouco como a loja de um alfarrabista, algo onde se podem fazer verdadeiros achados, e esta função só pode ser permitida por meio de livre acesso aos corredores das estantes.¹¹

[...] um dos mal-entendidos que dominam a noção de biblioteca é o facto de se pensar que se vai à biblioteca pedir um livro cujo título se conhece. Na verdade acontece muitas vezes ir-se à biblioteca porque se quer um livro cujo título se conhece, mas a principal função da biblioteca, pelo menos a de minha casa ou a de qualquer amigo que possamos ir visitar, é de descobrir livros de cuja existência não se suspeitava e que, todavia, se revelam extremamente importantes para nós.¹²

Várias bibliotecas e arquivos foram consultados. Alguns tiveram uma importância fundamental pela qualidade e quantidade de material que neles foi possível encontrar. Noutros efectuou-se apenas uma sondagem aos seus ficheiros, mas quer pelo facto do material existente não estar acessível, quer pelo pouco interesse do mesmo, não foram efectuadas investigações nesses locais. Acontecia também que o mesmo material, por vezes, estava disponível em mais de um arquivo, optando-se então pelo arquivo que fosse mais conveniente, quer pelo serviço apresentado ao utente, quer pela sua localização, ou qualquer outro factor que pudesse fundamentar essa opção, como o estado do material a consultar.

Aos funcionários de cada biblioteca e arquivo foi sempre solicitada uma breve explicação sobre o funcionamento, explicando também o objectivo da visita e o tema da pesquisa. Estava-se perante diferentes tipos de organização e utilização, uns já totalmente ou parcialmente informatizados, outros ainda manuais, mas nem por isso menos eficazes ou organizados; uma breve explicação sobre o funcionamento da "casa" era sempre conveniente.

¹¹ Umberto Eco, *A Biblioteca*, p.28 e 99

¹² Idem, p.29

De qualquer maneira foi possível ficar com uma panorâmica do funcionamento e qualidade dos serviços prestados pelos principais arquivos e bibliotecas, especializadas e gerais, da cidade de Lisboa.

Quadros síntese das principais bibliotecas e arquivos do trabalho:

Biblioteca Nacional	
Classificação	Biblioteca pública de carácter geral
Organização e catalogação	<p>Ficheiros manuais e ficheiros computadorizados, embora estes só abranjam obras a partir de uma determinada data.</p> <p>Ficheiros manuais nas mais variadas vertentes: por título, por autor, por assunto, sistema decimal, publicações periódicas, etc.</p> <p>Por computador a pesquisa é mais rápida mas exige uma grande precisão nos termos da pesquisa; mais adequado para pesquisas sobre obras das quais já se conhece o título ou o autor. Por vezes pode ser preciosa a informação sobre outras bibliotecas que contenham a obra procurada.</p> <p>Departamento de cartografia de utilização independente, com ficheiros por datas, regiões, tipos de cartas, escalas, etc.</p>
Requisição e obtenção do material	<p>A requisição efectua-se mediante o preenchimento de uma ficha, para cada obra, sem limite de pedidos, sendo o tempo que medeia entre o pedido e a entrega bastante longo.</p> <p>É frequente a informação que o material não está acessível por mau estado ou por se encontrar ausente. Também acontece vir uma ou mais obras trocadas, depois de uma espera de uma hora.</p> <p>Existem muitas incongruências nos ficheiros, sendo isto principalmente notório nos ficheiros de cartografia, onde uma carta que foi encontrada no ficheiro por datas não consta do ficheiro por escalas.</p>
Comentário	<p>Embora apresente alguns serviços que podem ser, actualmente, considerados indispensáveis numa biblioteca, como é o caso de um serviço de fotocópias, bar, etc., a demora na obtenção do material torna por vezes o usufruto desta biblioteca bastante exasperante. Exasperante é também a quantidade de material que se encontra inacessível pelas mais variadas razões, e as já mencionadas incongruências que existem em alguns ficheiros.</p> <p>Assemelha-se em muitos aspectos à biblioteca descrita por Umberto Eco.¹³</p>

¹³ Idem, p. 16 e seguintes.

Arquivo Histórico Ultramarino	
Classificação	Biblioteca especialmente vocacionada para o estudo das ex-colónias portuguesas, contendo a maioria do espólio de todo o tipo de documentação, dos documentos à cartografia, passando pelas inúmeras obras editadas pelos organismos públicos outora afectos à administração das colónias.
Organização e catalogação	Sistema manual, não apresenta um ficheiro unificado. Além de um ficheiro comum por autores e títulos, existe um ficheiro geográfico dividido em países, por suas vez subdivididos em regiões e/ou cidades. Existem ainda os ficheiros da cartografia, subdivididos em cartografia manuscrita e impressa, e o ficheiro da iconografia. Também consta um catálogo do conteúdo de pastas arquivadas, como as pastas das Obras Públicas.
Requisição e obtenção do material	A requisição efectua-se mediante o preenchimento de uma ficha, sem limite de pedidos, sendo o tempo que medeia entre o pedido e a entrega curto, salvo algumas excepções, quando o material requisitado está situado nos depósitos que se têm encontrado em remodelação nos últimos tempos.
Comentário	A utilização deste arquivo foi de modo geral agradável e importante pelo tipo de material encontrado. No entanto, peca por uma certa confusão reinante pelas recentes remodelações e pelo material que ainda não está devidamente catalogado, (principalmente no que respeita às pastas de arquivo), além do facto do seu departamento de cartografia estar inacessível até data indeterminada.

Sociedade de Geografia de Lisboa	
Classificação	Biblioteca especializada na área da Geografia
Organização e catalogação	Sistema manual, não apresenta um ficheiro unificado - ficheiro das publicações até anos 60 e ficheiro de publicações actuais e ficheiros das publicações periódicas. A catalogação é feita por autores e títulos em todos os ficheiros e também por temas - ideográfico - sendo este remissivo aos vários ficheiros. O sistema de cotas é rapidamente assimilável.
Requisição e obtenção do material	A requisição efectua-se mediante o preenchimento de uma pequena e simples ficha, sem limite de pedidos, sendo o tempo que medeia entre o pedido e a entrega bastante curto.
Comentário	Embora de carácter especializado oferece material variado de áreas exteriores à Geografia, embora com elas relacionada. O seu funcionamento, embora tradicional, não apresenta grandes dificuldades, uma vez conhecidos os mecanismos do seu funcionamento, o que também é facilitado pela sua dimensão. Foi um dos arquivos mais importantes para a obtenção da cartografia.

Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian	
Classificação	Biblioteca especializada na área das Artes Plásticas
Organização e catalogação	<p>Sistema totalmente computadorizado , inclusivé o pedido de requisição dos livros a ler. Os ficheiros assemelham-se ao sistema informático de outras bibliotecas. O funcionamento é facilmente apreendido e as obras não são difíceis de achar, mesmo no tipo de pesquisa por assunto, que exige maior precisão, pois é apresentada uma lista de assuntos com provável interesse sempre que é pedido informações sobre este ou aquele tema.</p> <p>A recolha bibliográfica foi extremamente fácil com este sistema que dispões também de um meio de impressão dos dados pretendidos sobre todas as obras existentes nos arquivos.</p>
Requisição e obtenção do material	<p>A requisição efectua-se, como já foi dito, por computador, e funciona, depois, por um sistema de senhas com números assinalados no painel de leitura. Apenas os "reservados" mantém a sua requisição pelo sistema das fichas preenchidas manulamente e entregues ao balcão.</p> <p>O tempo necessário para a obtenção do material é bastante curto, o que torna viável novos pedidos num mesmo dia, esgotada a exploração das três obras limite para cada requisição.</p>
Comentário	

Estas foram as principais instituições onde foi efectuada a pesquisa e por isso constam nestes quadros de análise; outras instituições foram ainda visitadas, embora o contacto tenha sido de uma duração tão curta que não houve possibilidade de formar-se, com segurança, um juízo de valores sobre o seu funcionamento e tipo de serviços prestados, como foi o caso do Arquivo Histórico Militar e o Arquivo de Arma e Engenharia, muito embora se tenha descoberto apenas material de pouca importância ou irrelevante.

Houve também a indicação de alguns arquivos que, ou não estavam com o material disponível, como o caso do Centro de Cartografia Antiga do Centro de Estudos Africano, ou que, embora tivessem documentação com algum interesse, esta encontrava-se também noutros arquivos (situação já abordada) ou revelou-se dispensável, quando foi necessário estabelecer uma hierarquia para o início das consultas bibliográficas e cartográficas, como foi

o caso do Centro de Documentação e Informação do Instituto de Investigação Científica e Tropical.

A entrevista

Um dos autores de um dos planos de urbanização para a cidade disponibilizou-se amavelmente para várias sessões em que se conversou sobre o plano, as circunstâncias em que este foi realizado, e sobre a própria cidade, tanto na época, como na actualidade. Em vez de apresentar um questionário elaborado, rigidamente estruturado, pretendeu-se que os diálogos estabelecidos fossem de encontro à vontade do entrevistado, proporcionando-lhe enveredar pelo tipo de discurso que mais lhe agradava. Quer fossem informações técnicas, quer fossem apenas histórias de circunstância, era importante que o entrevistado se dispusesse a fornecer todo o tipo de informações, mesmo as que parecessem não ter importância.

Houve, no entanto, a preocupação de elaborar uma pequena lista, para guia pessoal, onde sucintamente foram apontados os temas, ainda que numa forma geral, que interessava focar com o entrevistado: como foi encarada a problemática da realização de um plano para uma cidade africana em franca expansão (o crescimento e desenvolvimento das cidades africanas é um dos temas da actualidade mais focados pelas problemáticas a vários níveis e de várias áreas, com impacto mundial), o carácter e objectivos do plano, as condições da sua realização, o que poderia ser encarado como aspectos inovadores; também era importante averiguar quais as influências e referências teóricas que estariam por detrás das linhas principais de concepção do plano, e indagando sobre o percurso profissional do entrevistado.

Foi assim possível aceder a informações e documentos que não poderiam ser encontrados em mais nenhum local.

PARTE II - O TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES RECOLHIDAS

Uma vez recolhida grande parte da informação, iniciou-se uma outra fase do trabalho: a organização da documentação recolhida. O objectivo não era somente a recolha de dados mas também, e principalmente, a ordenação desses dados de modo a poder-se criar uma base de dados que permitisse uma, ou várias leituras da cidade, ao longo do período de tempo pré-determinado. Utilizou-se um esquema/grelha para estruturar a organização, esquema esse sugerido pelo orientador, numa das primeiras sessões, quando foi elaborado um primeiro índice do trabalho.

Nesse esquema pretendia-se dar resposta às principais questões elaboradas no índice, em relação aos elementos de composição da cidade ao longo da sua evolução, da sua estrutura à sua morfologia. Tendo como ponto de orientação os planos de urbanização, estabeleceram-se os períodos de tempo a analisar, que corresponderiam basicamente aos momentos de elaboração dos planos e também qualquer outro período em que tivesse havido crescimento da cidade, com plano oficial ou não. Para cada um desses momentos estabelecidos usou-se o esquema/grelha ao qual procurar-se-ia dar respostas com base nos dados recolhidos até ao momento. Assim, fácil e eficazmente verificar-se-ia quais as questões para as quais ainda não havia resposta, o que levava a uma reexaminação das informações e mesmo a novas pesquisas, desta vez com objectivos ainda mais precisos.

O esquema era composto por seis itens, alguns subdivididos, possibilitando e ordenando assim a análise dos elementos morfológicos e os «elementos primários»: as pré-existências, as permanências, o traçado, os quarteirões, a edificação e o assentamento. Partindo essencialmente da observação das plantas analisaram-se estes pontos.

PRÉ-EXISTÊNCIAS - Nas pré-existências anotavam-se todas e quaisquer estruturas que existisse anteriormente ao plano, observando se posteriormente fora alterada, eliminada ou mantida. Descrevia-se sucintamente os elementos morfológicos observados no confronto de todas as plantas, que fora possível obter, anteriores ao plano.

PERMANÊNCIAS - Aqui tinham lugar os registos sobre as alterações efectuadas nas pré-existências, confrontando as mesmas plantas anteriores e a do plano. Em suma, encontravam-se os elementos que são, de facto, os dinamizadores da criação dum espaço no presente, embora esses elementos tenham a sua origem no passado - as «permanências». Era aqui que se poderia encontrar a resposta para algumas decisões e situações, como a orientação duma rua, a localização de um equipamento, etc.

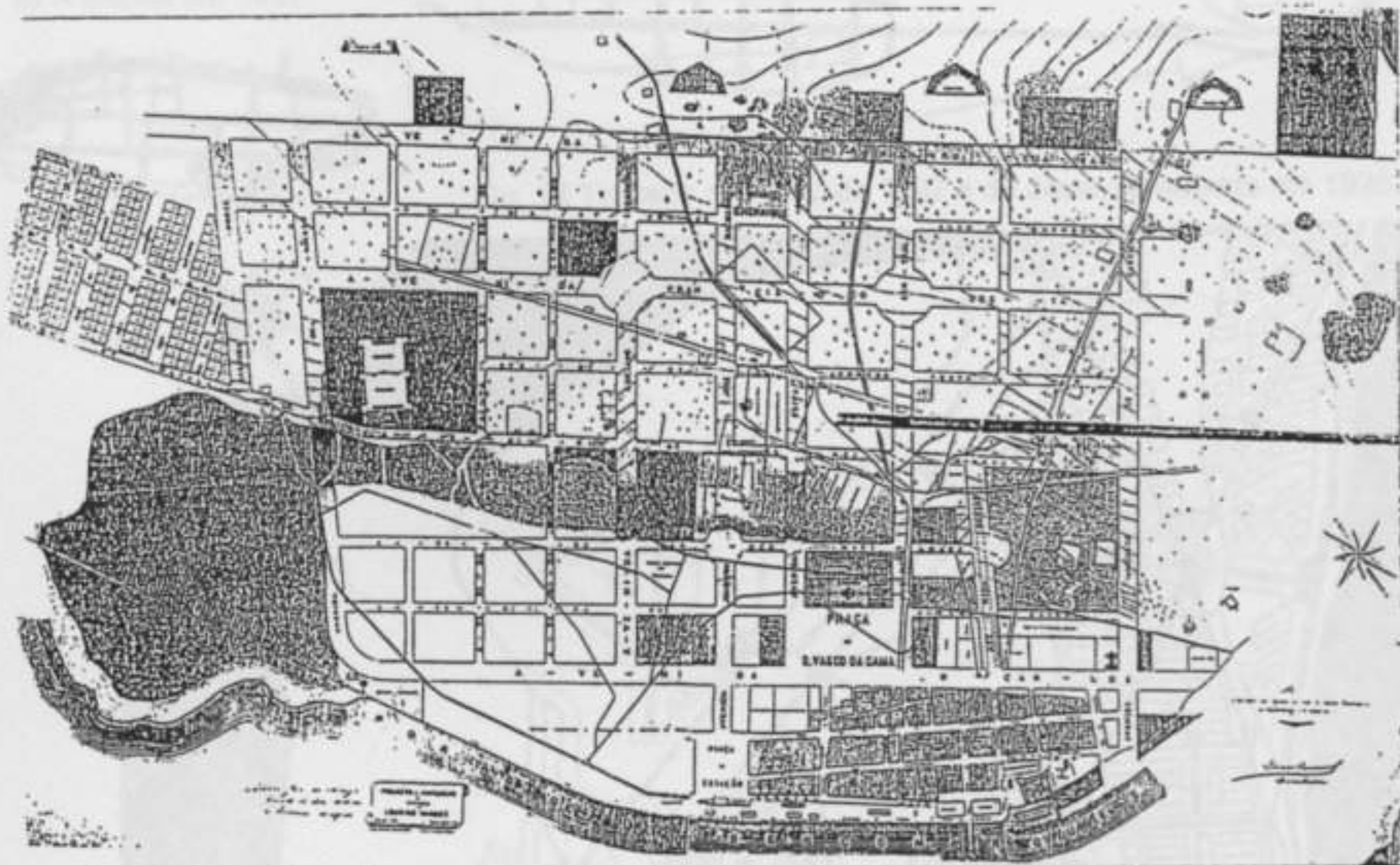


Fig. 14 Plano de urbanização de Lourenço Marques - nesta planta é possível detectar algumas "permanências" - a orientação de uma avenida que não segue a orientação das outras ao seguir a direcção de uma rua da malha antiga (é a avenida do "passeio público"); Os quarteirões que fogem à regra, na dimensão e no formato, pois a sua forma é condicionada pelo já existente: um jardim e um quartel, por exemplo.

TRAÇADO - Passava-se então para a observação do plano propriamente dito, começando pelo tipo de traçado, a sua adaptação ao território existente, orientações dominantes, vias principais e secundárias, etc. As ruas e as praças eram analisados como elementos distintos, dada a sua potencialidade geradora, vendo o seu desenho, dimensão, cortes transversais e longitudinais, e posicionamento no tecido urbano.

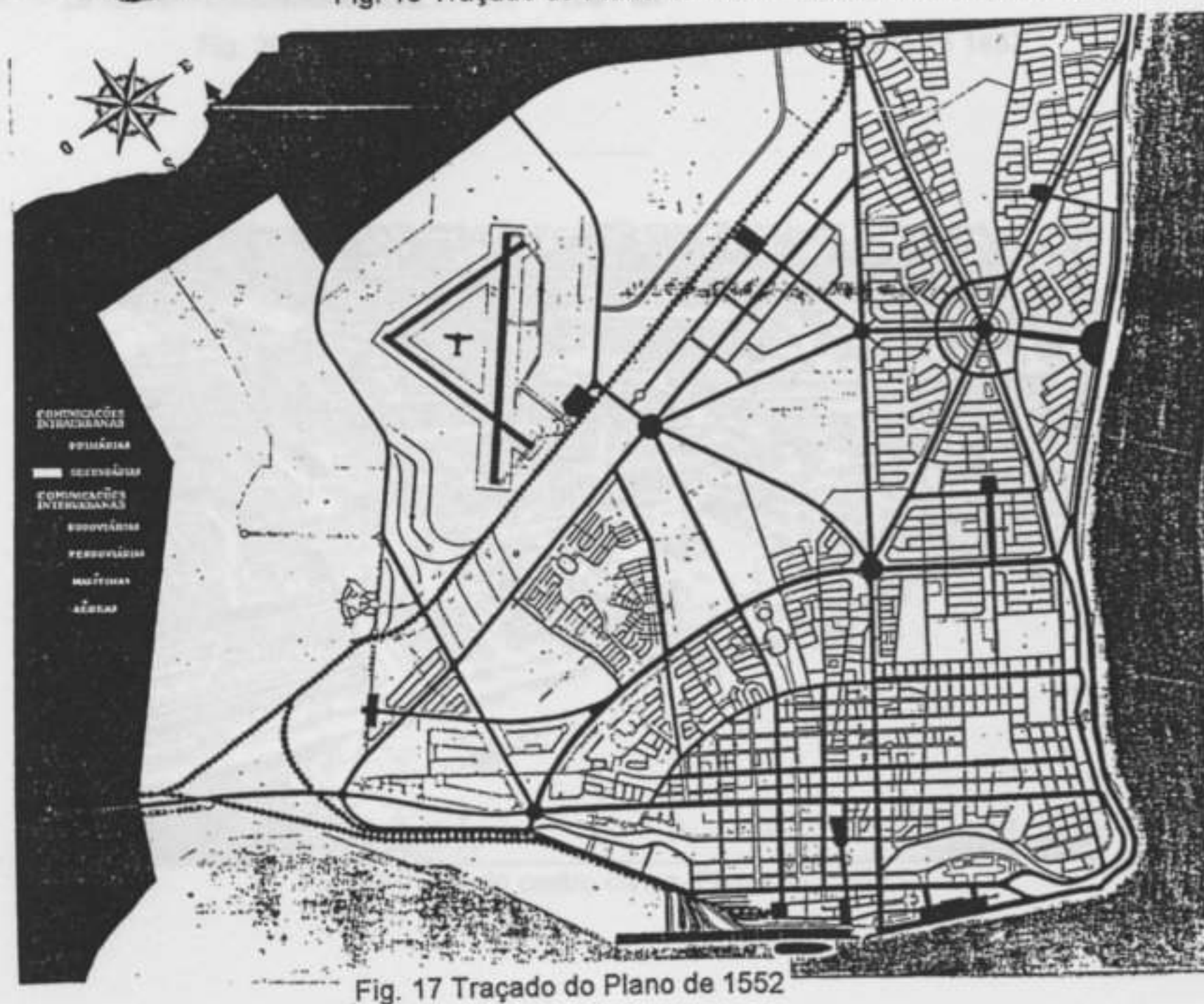
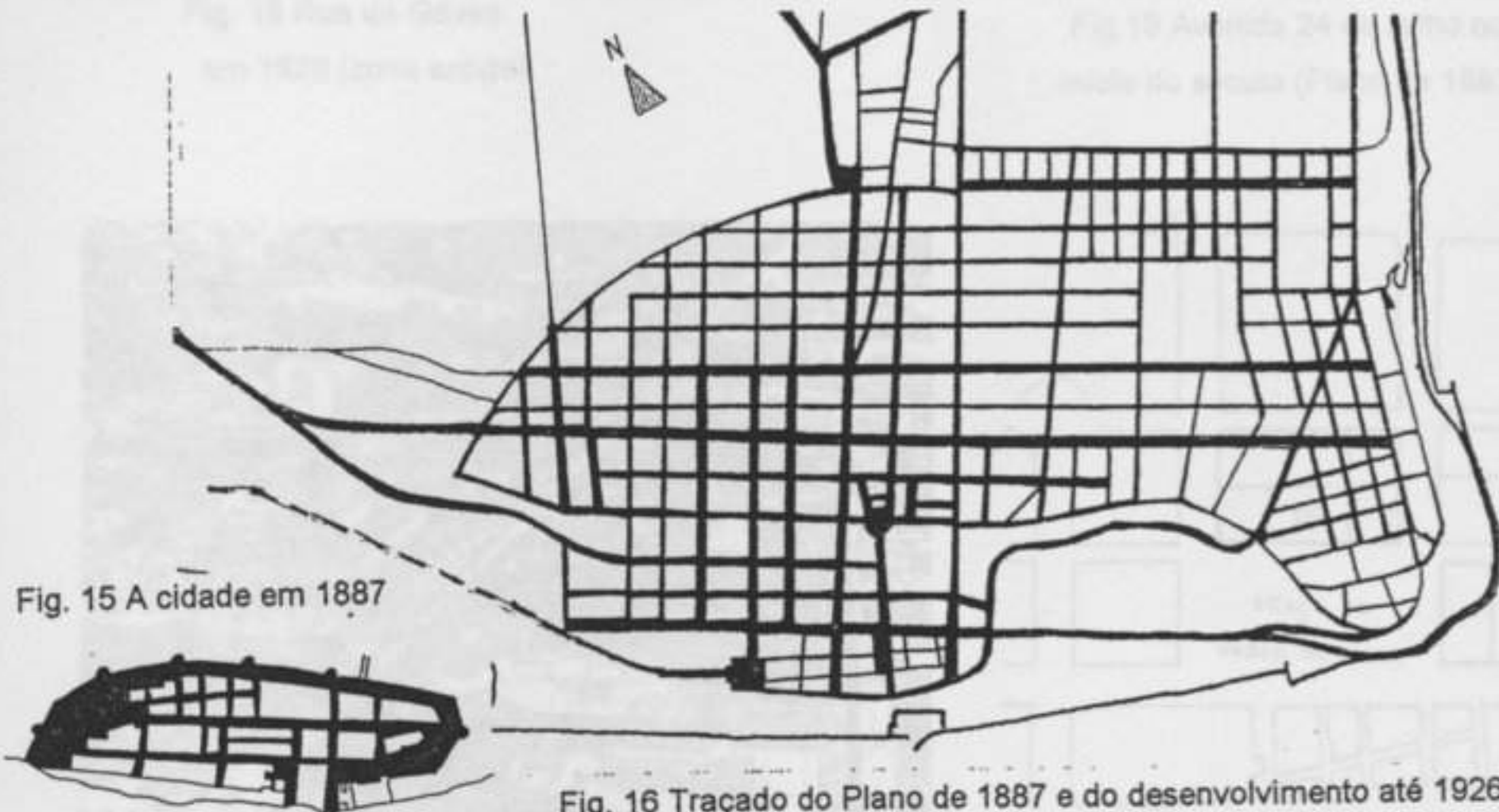




Fig. 18 Rua da Gávea
em 1929 (zona antiga)

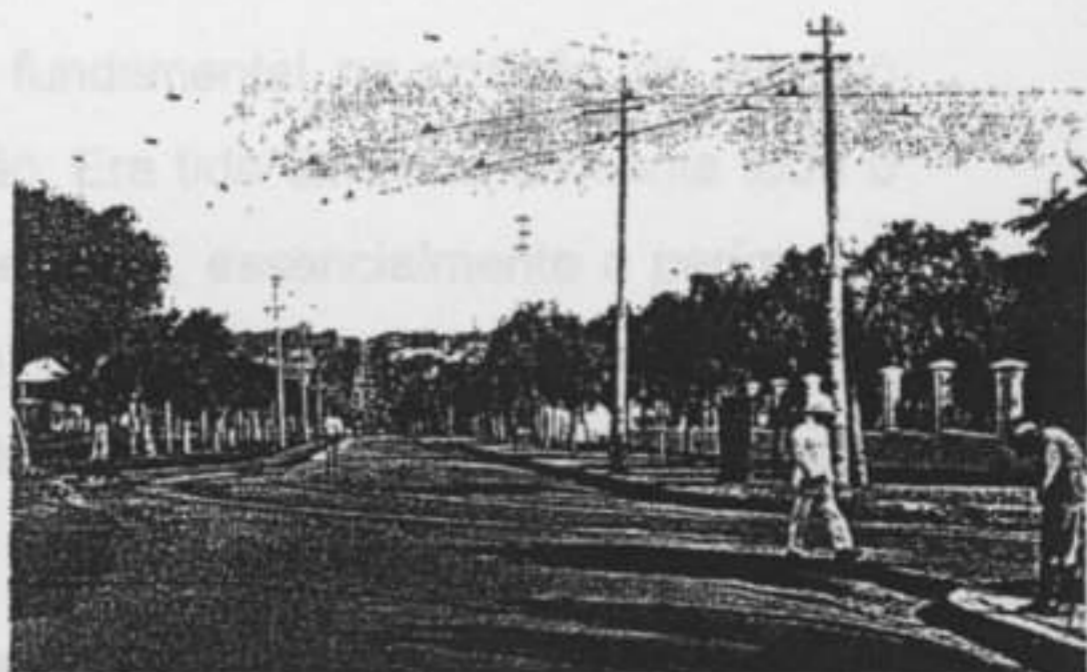


Fig.19 Avenida 24 de Julho no
início do século (Plano de 1887)



Fig. 20 e 21 Praça Vasco da Gama, projectada no Plano de 1887



Fig. 22 Praça do centro cívico (Plano de 1952)

QUARTEIRÃO - Outro elemento fundamental na criação do espaço urbano, era o item seguinte: o quarteirão. Era tida em linha de conta todo o tipo de informação que pudesse caracterizá-lo, essencialmente o perímetro, a área e o loteamento, e ainda a sua interligação com o traçado. Viu-se ainda qual era o tipo de ocupação do lote: superfície construída e localização da construção.

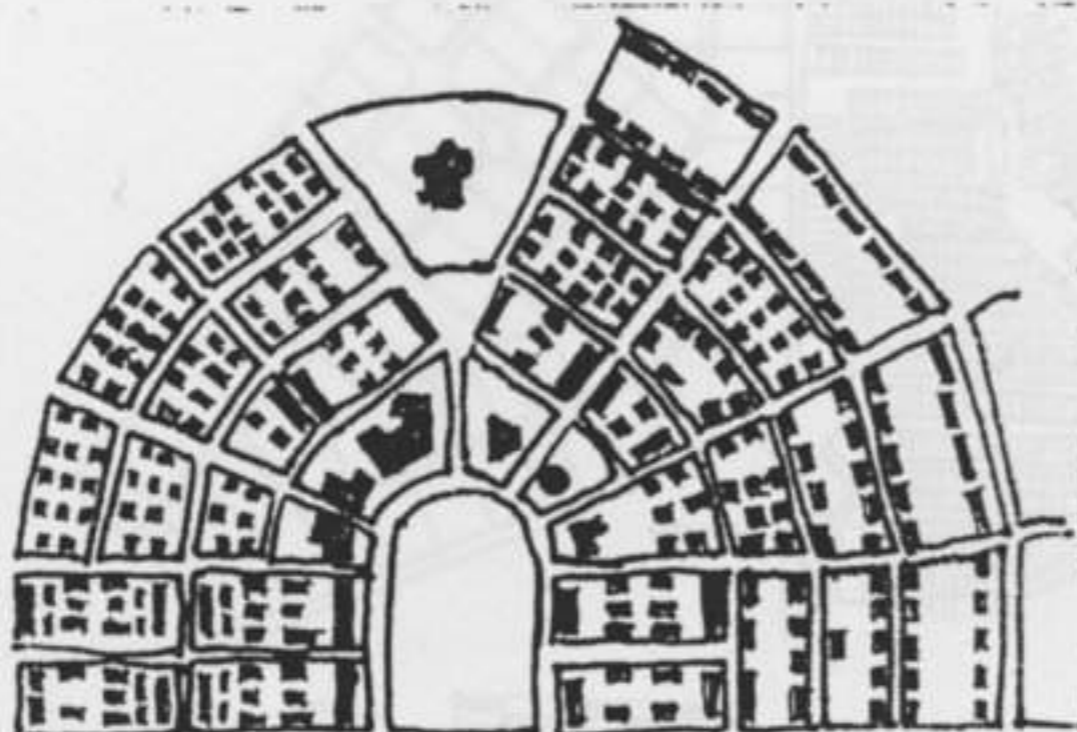
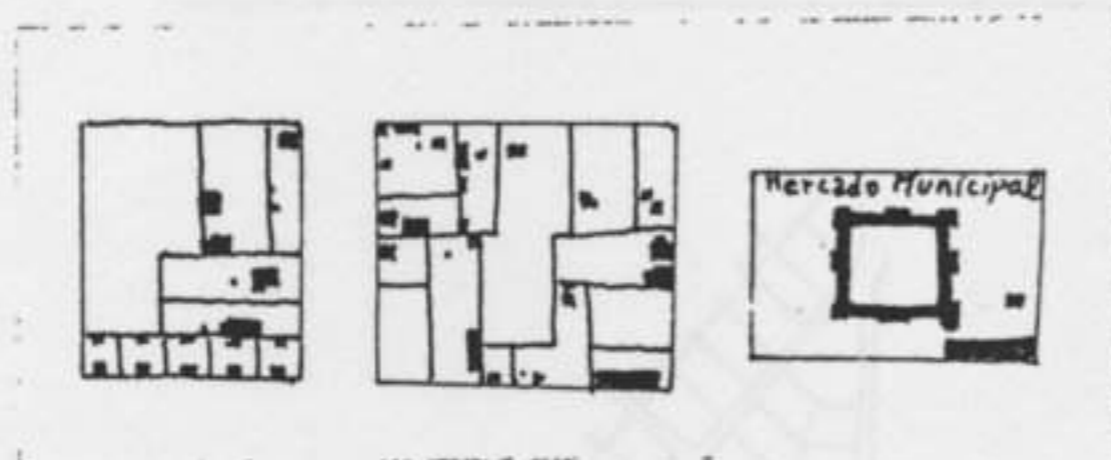
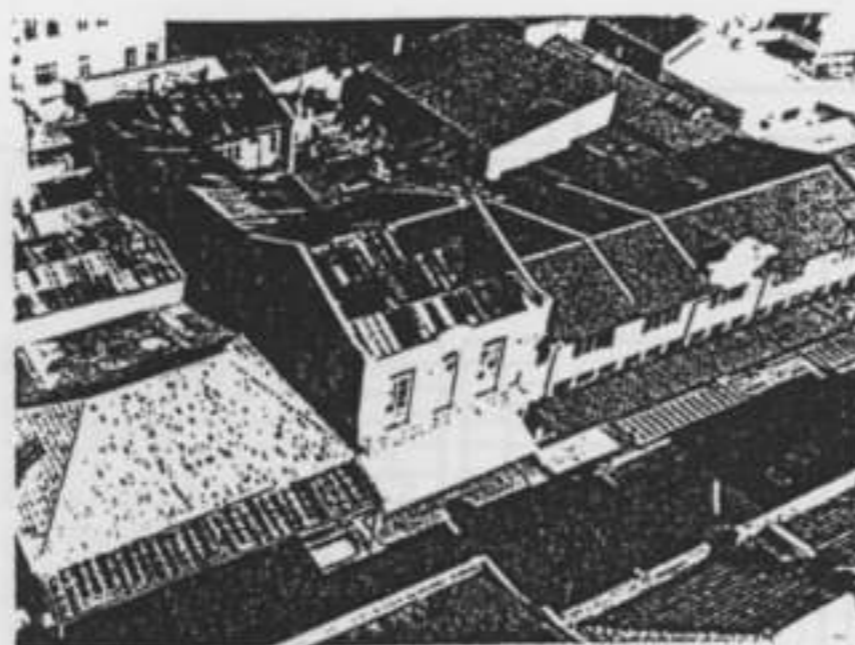


Fig. 23, 24 e 25 Ocupação típica dos lotes - 1886, 1887 e 1952

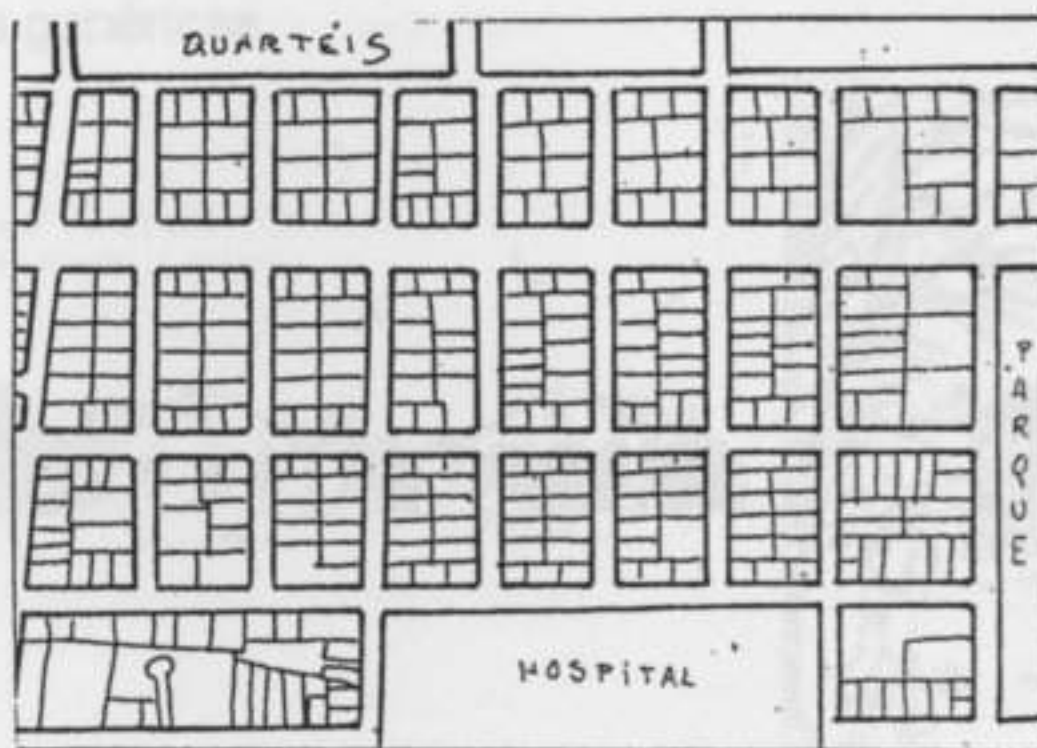
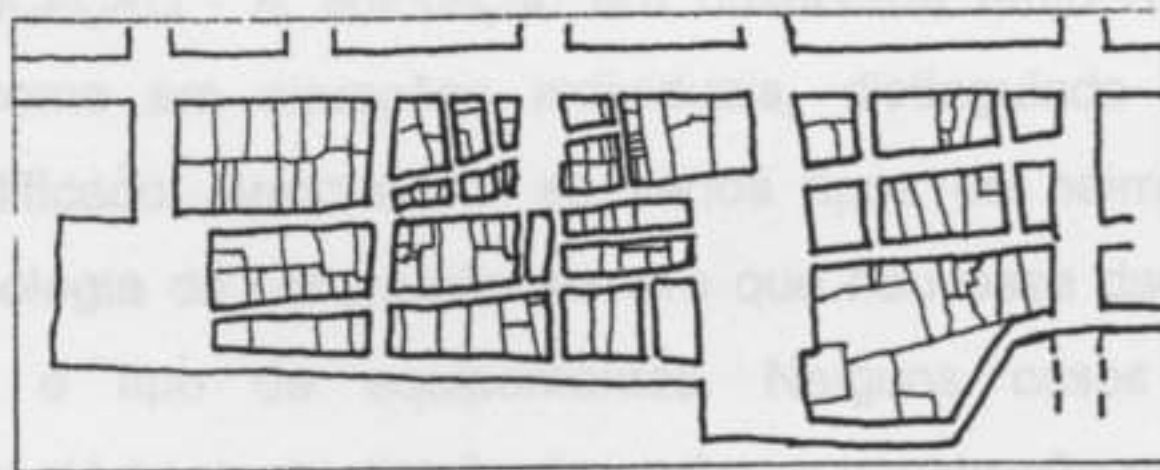


Fig. 26, 27 e 28 Quarteirões e loteamentos - 1886, 1887 e 1952

EDIFICAÇÃO - A edificação era observada tanto numa situação de conjunto, como em situações individuais, distinguindo a habitação do restante edificado. Apontavam-se vários tipos de bairros habitacionais, vendo a tipologia da construção sempre que houvesse dados para tal, e a localização e tipo de equipamentos. Nalguns casos encontraram-se informações até bastante detalhadas sobre a construção mais característica e uso mais corrente de materiais. Noutros casos ficou-se por descobertas bastante mais genéricas.

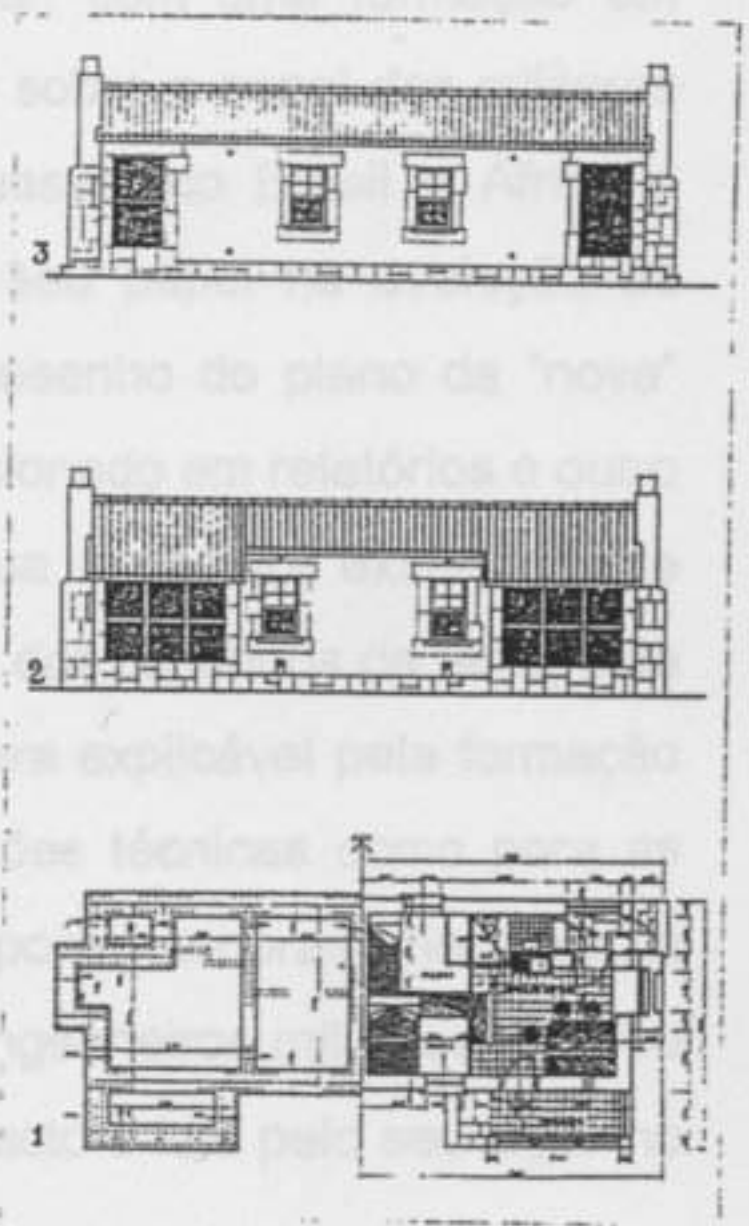
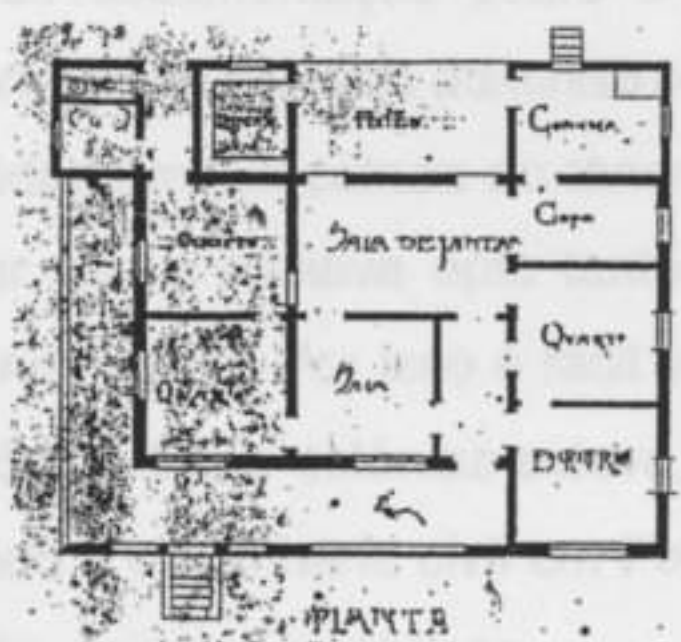
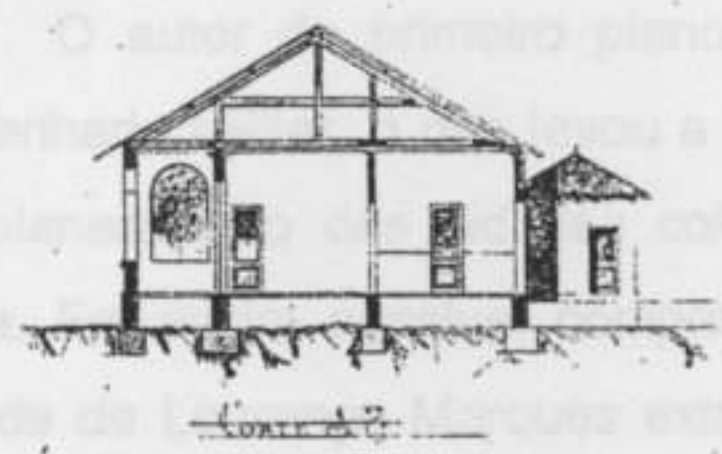


Fig. 29 Habitação típica da 1ª década do séc. XX

Fig. 30 "Habitação Europeia", Tipo 2, 1952

ASSENTAMENTO - No caso dos planos verificava-se ainda, no confronto com plantas posteriores, o assentamento e alteração de cada proposta. Claro que quanto mais plantas fossem disponíveis, mais autenticidade se poderia obter nestas conclusões. Por isso tentou-se recolher todas as plantas de que se teve conhecimento.

Há medida que se ia respondendo às questões do esquema apontava-se quais os livros e documentos que continham informações sobre aquele determinado ponto, ainda que feito de um modo muito genérico. No fim elaborou-se uma folha síntese apontando a bibliografia para cada esquema-período de tempo. Dispondo de mais tempo, e mais alguma experiência, teria sido possível elaborar uma síntese mais completa, com um carácter mais crítico e analítico.

Investigou-se também os autores dos planos, sempre que conhecidos. Procurou-se todo o historial das suas vidas e carreiras, contexto da época em que existiram e exerceram, etc, dados que pudessem contribuir para a compreensão dos planos.

O autor do primeiro plano era um militar, com uma formação em Engenharia Militar, o que levou a uma pesquisa sobre o papel dos militares no planeamento das cidades coloniais portuguesas, do Brasil a África e Índia. Foi assim possível compreender que o seu papel na evolução da cidade de Lourenço Marques extravasasse o desenho do plano da "nova" cidade, ao ponto deste facto raramente ser mencionado em relatórios e outro tipo de documentação sobre e do autor. A sua acção foi extremamente importante ao nível da administração municipal e dos caminhos de ferro; esta actividade multifacetada do tenente-coronel só era explicável pela formação militar que o tornava apto tanto para as questões técnicas como para as administrativas. Por isso é fácil verificar que os postos e obras principais na metrópole e nas colónias estava, entregues a engenheiros militares, mesmo quando a engenharia civil em Portugal já é um facto e luta pelo seu lugar no quadro das obras públicas.

¹ *Magazine de Sousa Lima, op. cit., p. 102 a 105.*

A investigação sobre a carreira desta personagem levou ao Arquivo Histórico Militar, onde foi possível encontrar todo o tipo de registos sobre o seu percurso e apreciações sobre a sua conduta e realizações.

O autor do segundo plano é um arquitecto da época do urbanismo formal português e sobre o qual foi fundamental a consulta de uma obra já mencionada neste relatório.¹⁴

Analisando apenas os seus planos para as cidades e vilas da metrópole é possível o entendimento da estrutura teórica que rege a concepção dos planos: a influência da "cidade jardim" na concepção dos bairros residenciais de habitações unifamiliares e espaços verdes, e a reestruturação e "redesenho" do tecido existente com a abertura de novas vias, evocando a Paris de Haussmann.

O desejo de comparar estes planos com os realizados para as colónias, uma vez sabendo que este arquitecto era o sub-director do Gabinete de Urbanização das Colónias (o que tornaria provável que tivesse elaborado ou dirigido planos de outras cidades coloniais), conduziu a uma pesquisa paralela sobre planos contemporâneos, principalmente de cidades coloniais portuguesas, com o objectivo de fazer comparações, de modo a poder-se chegar à constatação da existência, ou ausência, de modelos de cidades que fossem a fonte inspiradora ou condutora, da concepção desses planos. Comparavam-se também traçados, vias e praças, quarteirões, lotes e, sempre que houvesse dados, as edificações. O propósito não era fazer uma pesquisa tão aprofundada como a efectuada para o esquema, mas sim fazer um apanhado geral da história da acção urbanizadora portuguesa nas colónias, e também no continente, dos modelos concebidos, influências e alterações dos ideais portugueses na criação de cidades, o que era imprescindível para a compreensão da cidade a estudar.

¹⁴ Margarida de Sousa Lôbo, op. cit., p. 169 a 185.



Fig. 31 Paris, 1853 - 1870
As intervenções de Haussmann

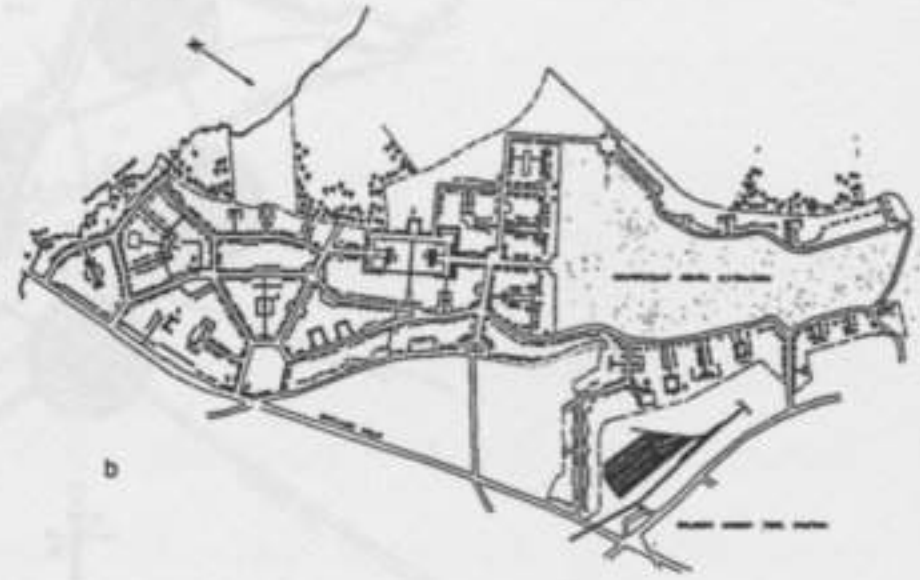


Fig. 32 A "cidade jardim" R. Unwin
e B. Parker - Subúrbio de Hampstead



Fig. 33 Agache - Plano de Remodelação
de Carcavelos - 1936



Fig. 34 Agache - Plano de Remodelação
da Paredes - 1936

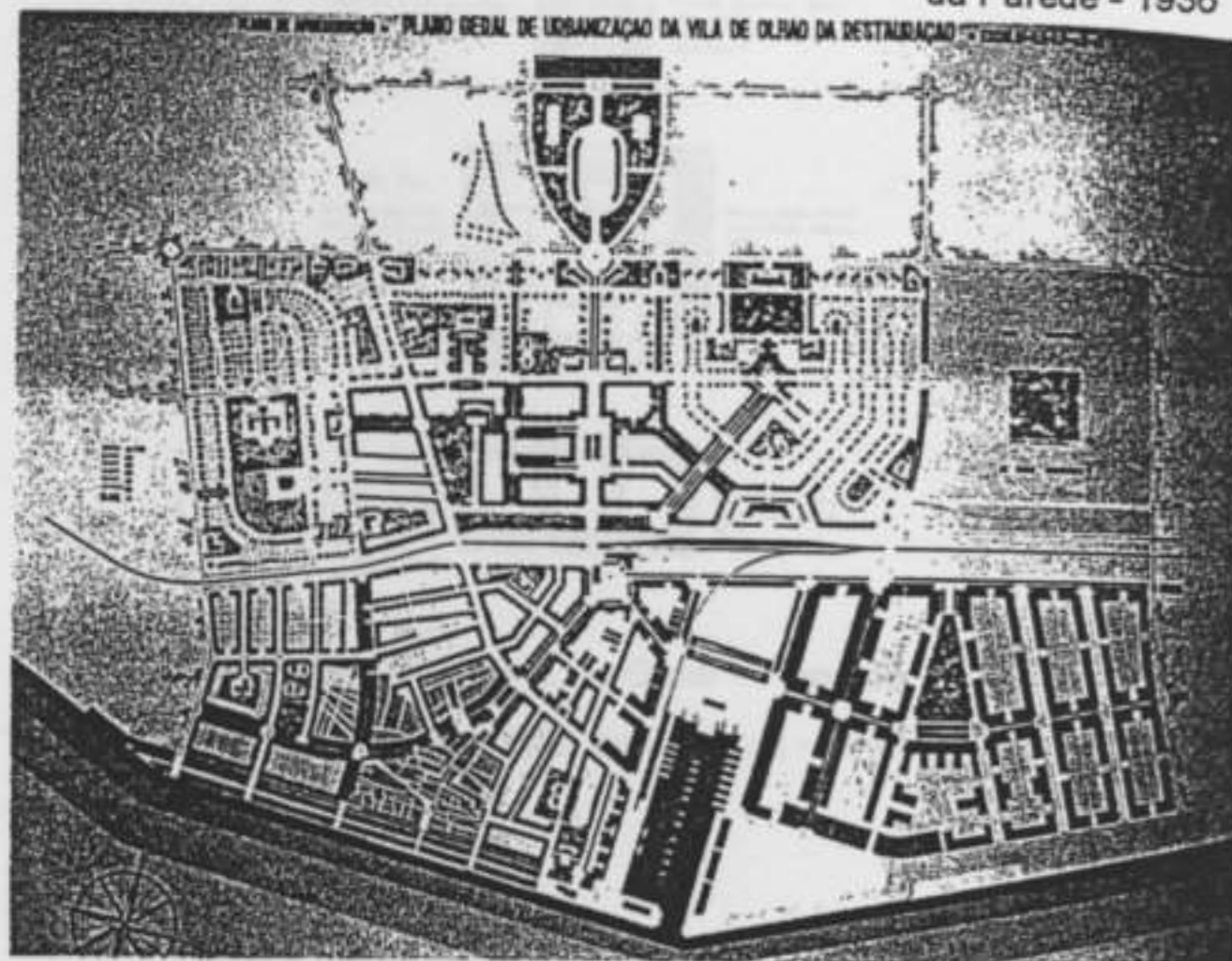


Fig. 35 João A. Aguiar, 1945

CONCLUSÃO

PLANTA DA REGIÃO DE LUANDA — ESCALA 1:100000

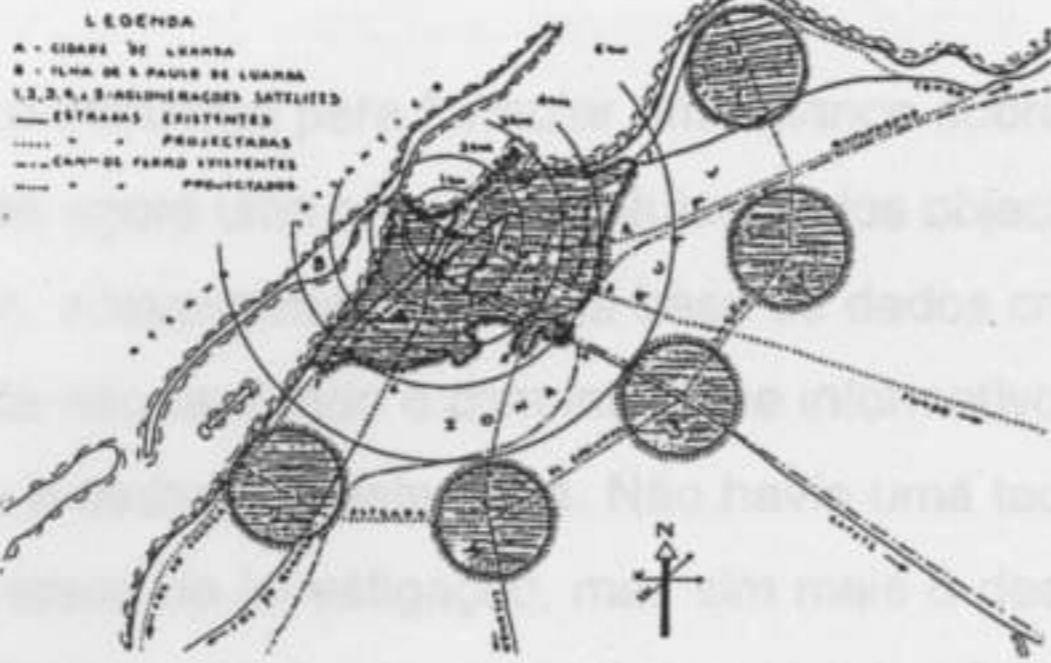


Fig. 36 E. de Groer - Luanda e os seus satélites - 1946



EXEMPLOS ESQUEMÁTICOS DA INTERDEPENDÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES NUM QUARTERÃO

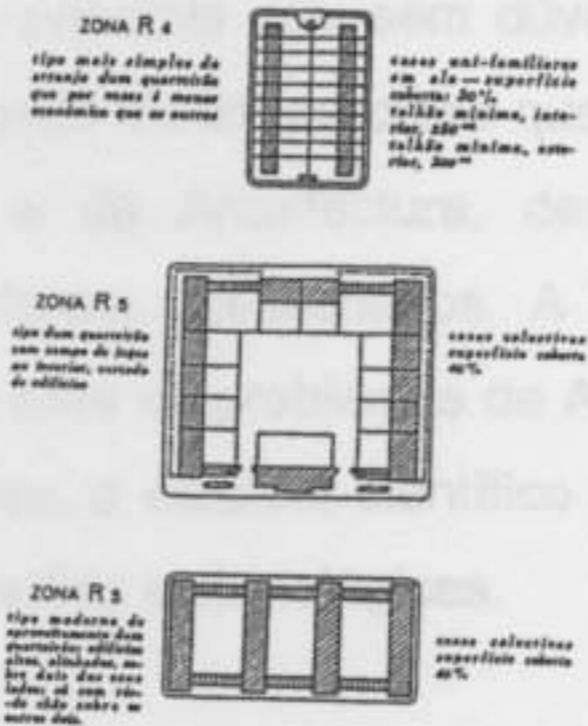


Fig. 37 e 38 E. de Groer - Plano de Urbanização de Coimbra - 1946

CONCLUSÃO

Chegado o momento para formular um balanço sobre os cinco meses passados, faça-se agora uma breve recapitulação dos objectivos proposto no início do trabalho. O levantamento de uma base de dados credível, que fosse um trabalho ainda não realizado e com interesse informativo para quem quer que se interesse e dedique a este tema. Não havia uma teoria a comprovar, típica de muitas teses de investigação, mas sim mais o desejo de criar uma compilação de dados organizada coerentemente, através da análise crítica dos elementos recolhidos, chegando à concepção de uma leitura possível para o processo de formação e evolução urbana da cidade objecto de estudo. Talvez, reavaliando os dados, seja possível encontrar outra leitura, outra interpretação dos factos, o que significa que uma este foi apenas o início de algo que pode constituir um desafio ainda maior.

A nível pessoal pretendia-se ganhar a experiência de um tipo de pesquisa que raramente é realizado durante o curso e, quando acontece, tem um carácter diferente; a disponibilidade não é a mesma, pois os trabalhos de carácter prático dominam, e é feita geralmente em grupo, o que implica também uma estratégia diferente para atingir o mais rapidamente possível o objectivo - conhecer e/ou dominar um problema ou tema.

Mas o objectivo principal era, sem dúvida, a compreensão de uma metodologia e a percepção de um percurso que tem vindo a verificar-se nas áreas do Urbanismo e da Arquitectura, desde que os postulados da arquitectura moderna foram questionados. A universalidade dos modelos formais como resposta para os problemas da Arquitectura, e do Urbanismo, foi há muito questionada; o estatuto científico destas áreas baseia-se hoje principalmente nas questões metodológicas.

Poder-se-á dizer que os objectivos foram maioritariamente atingidos. Alguns obstáculos foram mais difíceis de transpor, quer por razões alheias a quem investiga, como a indisponibilidade de parte do material, quer por alguma falta de experiência e conhecimento na área do desenho urbano, que

se tentou colmatar dentro do mais curto espaço de tempo possível. Nem sempre o material que se desejava encontrar foi obtido, ficando algumas questões apenas parcialmente respondidas. As limitações de tempo também não permitiriam uma investigação que se prolongasse indefinidamente; as várias etapas do trabalho não poderiam ficar comprometidas pela extensão demasiada de uma delas. O orientador teve sempre o cuidado, através das sessões semanais de discussão sobre o trabalho, de não deixar fugir o controle dos prazos estipulados para cada fase, o que facilmente poderia acontecer a quem fica embrenhado numa pesquisa e tem sempre o desejo de descobrir mais. No entanto, o objectivo de levantar uma base de dados foi alcançado, podendo essa base ser completada mais tarde, caso isso seja desejado.

Hoje poder-se-á afirmar, convictamente, que conduzir-se-ia todo o processo de outro modo, pelo menos em alguns pontos, o que apenas vem confirmar que foi atingido o conhecimento que só a prática pode conceder. Foi uma experiência com bastante interesse e que, talvez, não mais venha a proporcionar-se, a menos que seja mantido um qualquer vínculo à vida académica, a única que, no panorama actual, permite investigações nos vários campos da arquitectura, ou quando não específicos desta, pelo menos indubitavelmente ligados, como é o caso do desenho urbano. Foi também uma excelente oportunidade para contactar com uma realidade da prática da arquitectura: esta abrange as mais variadas dimensões e escalas, do edifício ao território, passando, obviamente, pela cidade.

Agente activo na construção e desenvolvimento da cidade, o arquitecto não deve estar alheio a questões que estão indubitavelmente ligados à sua prática profissional. Afinal, a cidade será sempre o contexto privilegiado da Arquitectura.

BIBLIOGRAFIA DA METODOLOGIA DO RELATÓRIO

BELL, Judith. *Como fazer um projecto de investigação*. 2ª edição, col. «Tríptico», Gradiva - Publicações Lda, Lisboa, s.d. (1ª edição portuguesa 1987).

CEIA, Carlos. *Normas para apresentação de trabalhos científicos*. 1ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1995.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Editorial Presença, Lisboa, 1993.

———. *A estrutura*. 3ª edição, Difel - Divisão Editorial Lda, Lisboa, 1994. (1ª edição original de 1970)

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Coleção «Signos», nº 47, Edições 70, Lisboa, 1995.

LASSAS, José M. R. Garcia. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Série «Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas», Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, s.d.

MERLIM, Pierre e Françoise Chouy. *Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement*. Presses Universitaires de France, Paris, 1985.

MORAIS, João Sousa. *Metodologia de projecto em arquitectura*. 1ª edição, «Referências», nº 15, Editorial Estampa, Lisboa, 1995.

ROSSI, Aldo. *La arquitectura de la ciudad*. 5ª edição, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1995.

BIBLIOGRAFIA DA METODOLOGIA DO RELATÓRIO

BIBLIOGRAFIA CITADA

BELL, Judith. *Como realizar um projecto de investigação*. 2ª edição, col. «Trajectos», Gradiva - Publicações L.da., Lisboa, s.d. (1ª edição portuguesa 1997)

CEIA, Carlos. *Normas para apresentação de trabalhos científicos*. 1ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1995.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Editorial Presença, Lisboa 1980.

----- *A Biblioteca*. 3ª edição, Difel - Difusão Editorial Lda., Lisboa, 1994 (1ª edição original de 1983)

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Coleção «Signos», nº 47, Edições 70, Lisboa, 1998.

LAMAS, José M. R. Garcia. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Série «Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas», Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, s.d.

MERLIM, Pierre e Françoise Choay. *Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Amenagement*. Presses Universitaire de France, Paris, 1988.

MORAIS, João Sousa. *Metodologia de projecto em arquitectura*. 1ª edição, «Referência», nº 16, Editorial Estampa, Lisboa, 1995.

ROSSI, Aldo. *La arquitectura da la ciudad*. 9ª edição, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1995.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BATALHA, Fernando - *A urbanização de Angola*. Luanda: Edição do Museu de Angola, 1950

CHICÓ, Mário Tavares- *A cidade "ideal" do Renascimento e as cidades portuguesas da Índia*. Separata de Garcia de Orta, Revista da Junta de Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar. Número Especial, Lisboa, 1956.

GASPAR, Jorge - *A morfologia de padrão geométrico na Idade Média*. in "Finisterra", nº8, Lisboa, 1969

LÓBO, Margarida Souza - *Planos de Urbanização. A Época de Duarte Pacheco*. Série 1, Ensaios, nº5. Porto: DGOTDU, FAUP, 1995.

SMITH, Robert C. - *Colonial Towns of Spanish and Portuguese America*. Offprinted from the Journal of The Society of Architectural Historians. Vol. XIV, Number 4, Universidade de Virgínia, 1956.

MENDES, Maria Clara. *Maputo Antes da Independência, Geografia de uma cidade colonial*. «Memórias do Instituto de Investigação Científica Tropical», nº 68 (segunda série), Lisboa, 1985

No quadro de orientador de trabalho realizado pela Sônia Coelho Ribeiro, de acordo com o disposto no artigo 6º do Regulamento do estágio da F.A. - U.F.C., em 1978, foi elaborado durante cinco meses, no período a que este atende Vão- Arquitetura/Associação, Ltda.

A finalidade, bem como os objetivos do trabalho desenvolvido tiveram-se como estudo das condições atuais e possíveis desenvolvimentos da arquitetura e urbanismo urbana de Lourenço Marques / Moçambique, incluindo uma pesquisa sobre o levantamento da cartografia e bibliografia relativa aos diferentes planos da Capital Moçambique.

Constatou-se que durante o período de trabalho, um grande rigor no tratamento de informações, documentação das atividades de pesquisa e organização dos dados, e participação dos membros, atendendo ao conteúdo de orientações consultadas (em Lisboa), demonstrando a máxima capacidade de aproveitamento.

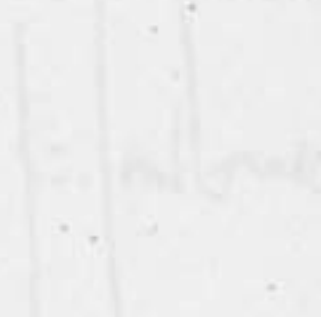
Foi no âmbito do nível das questões metodológicas, designadamente no que se refere à área de Urbanismo, que a Sônia Coelho Ribeiro revelou as suas capacidades, especialmente na análise das diferenças "Urbanas" observadas no que se

PARECER do ORIENTADOR

- Contextualização da Urbanização da época e modelos culturais subsequentes.
- Detecção dos "elementos primários" estruturantes no crescimento da arquitetura urbana.
- Detecção das "personalidades" e seus significados dos "factos urbanos" no passado-presente.

Paralelo ao trabalho desenvolvido considero-se que a estagiária cumpriu em condições de dar início ao seu percurso profissional.

O Orientador


10-02-78

JOÃO G. V. SOUSA MORAIS
PROF. AUX. FACULDADE ARQUITECTURA
Rua Júlio César Machado, n° 4 - 1°
1250 LISBOA

Na qualidade de orientador de estágio realizado pela Sofia Coelho Ribeiro, declaro para efeito do disposto n° 6 do Regulamento de estágio da F.A.- U.T.L. que o mesmo foi elaborado durante cinco meses, no gabinete a que estou afecto Vão-Arquitectos Associados, Lda.

A temática, bem como os objectivos do trabalho desenvolvidos inserem-se num estudo deste gabinete sobre a génese e desenvolvimento da estrutura e morfologia urbana de Lourenço Marques / Maputo, incidindo este estágio, numa pesquisa inerente ao levantamento da cartografia e bibliografia relativa aos diferentes planos da Capital Moçambicana.

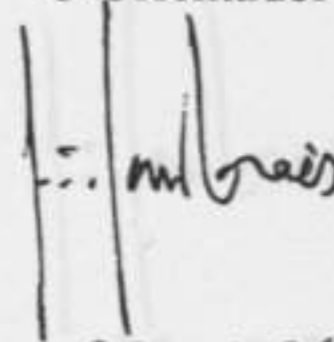
Constatou-se que durante o período de trabalho, um grande rigor no tratamento da informação nomeadamente nos critérios de procura e organização dos dados, e manuseamento dos mesmos, atendendo ao conjunto de organismos consultados (em Lisboa), demonstrando a estagiária capacidade de investigação.

Foi no entanto ao nível das questões metodológicas, designadamente no que se refere à área-estudo do Desenho Urbano, que a Sofia Coelho Ribeiro revelou as suas capacidades, nomeadamente na análise dos diferentes "Planos" sobretudo no que se refere a:

- . Contextualização da Urbanística da época e modelos culturais subjacentes.
- . Detecção dos "elementos primários" estruturantes no crescimento da estrutura urbana.
- . Detecção das "permanências" e novos significados dos "factos urbanos" no passado-presente.

Perante o trabalho desenvolvido considera-se que a estagiária estará em condições de dar início ao seu percurso profissional.

O Orientador


98.08.26

SUMARIO

Na qualidade de orientador de estágio realizado pela Sofia Coelho Ribeiro, declaro para efeito do disposto n° 6 do Regulamento de estágio da F.A.- U.T.L. que o mesmo foi elaborado durante cinco meses, no gabinete a que estou afecto Vão-Arquitectos Associados, Lda.

A temática, bem como os objectivos do trabalho desenvolvidos inserem-se num estudo deste gabinete sobre a génese e desenvolvimento da estrutura e morfologia urbana de Lourenço Marques / Maputo, incidindo este estágio, numa pesquisa inerente ao levantamento da cartografia e bibliografia relativa aos diferentes planos da Capital Moçambicana.

Constatou-se que durante o periodo de trabalho, um grande rigor no tratamento da informação nomeadamente nos critérios de procura e organização dos dados, e manuseamento dos mesmos, atendendo ao conjunto de organismos consultados (em Lisboa), demonstrando a estagiária capacidade de investigação.

Foi no entanto ao nível das questões metodológicas, designadamente no que se refere à área-estudo do Desenho Urbano, que a Sofia Coelho Ribeiro revelou as suas capacidades, nomeadamente na análise dos diferentes "Planos" sobretudo no que se refere a:

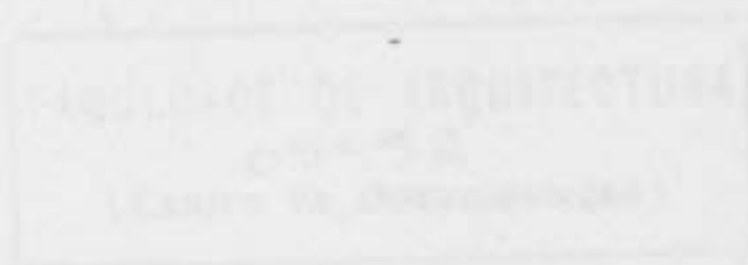
- . Contextualização da Urbanística da época e modelos culturais subjacentes.
- . Detecção dos "elementos primários" estruturantes no crescimento da estrutura urbana.
- . Detecção das "permanências" e novos significados dos "factos urbanos" no passado-presente.

Perante o trabalho desenvolvido considera-se que a estagiária estará em condições de dar inicio ao seu percurso profissional.

PARECER DO ORIENTADOR

O Orientador

J. G. V. Sousa Morais
98.08.26



ÍNDICE

SUMÁRIO	1
INTRODUÇÃO - CONTEXTO	2
1. <i>O Desenho Urbano</i>	
2. <i>As cidades coloniais e o urbanismo português</i>	
3. <i>Os Planos de urbanização</i>	
PARTE I - A RECOLHA DOS ELEMENTOS	15
1. <i>O material a recolher</i>	
2. <i>Os passos da pesquisa bibliográfica</i>	
3. <i>As instituições visitadas e contactadas</i>	
PARTE II - O TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES	24
CONCLUSÃO	35
BIBLIOGRAFIA	37
PARECER DO ORIENTADOR	39

FAÇULDADE DE ARQUITECTURA
05952
(Centro de Documentação)

